

**ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
aPErj – RIO 4**

SUPLEMENTO CIENTÍFICO

Nº 11 - SETEMBRO/2007

Editorial

Mais um número do nosso Boletim, número 11, questionadas posições teóricas e práticas pertinentes ao fazer psicanalítico. Em nossos trabalhos, renovamos as indagações presentes na prática cotidiana. Reiterando a Ética – fio condutor exemplar e fiel.

Boletim Científico com mudanças. Sempre e ainda bem. Aceitamos artigos de outros autores (que nos interessem no momento), bem como avisos, resumos, resenhas. Artigos ligados à cultura também, dos tempos atuais ou não, mas que reflitam e agucem o olhar psicanalítico. Necessário enfatizar o valor de nossa produção, testemunhando caminhos e lutas. Aberto aos candidatos do Instituto – incentivo para todos os membros.

Ana Lia, 24-09-07

Informação 1 aos colegas da ABP

O tema do Congresso de Berlin,

Recordar, Repetir e Elaborar na Psicanálise e na Cultura Hoje.

refere-se a ampliar o conhecimento não apenas do pré/consciente, mas principalmente do Inconsciente: reprimido, esquecido, dissociado ou vazio. Tanto na clínica do Indivíduo como na Cultura.

Em ambas as alternativas o cerne do trabalho é facilitar a recordação, a elaboração (por meio de palavras que contam e reconhecem), ou constituindo as imagens e a história que não se formaram. O objetivo deste trabalho é interromper a repetição da tragédia, em variadas formas transformadas, na vida pessoal ou de nações. Tornar Consciente o Inconsciente.

Assim sendo aproveito a ocasião para o seguinte Informe, e esclarecimentos.

A IPA tem um Comitê na ONU. Sua sigla é IPACUN ou apenas CUN (Internacional Psychoanalytical Association Committee at the UN).

Eu venho participando das discussões desde o verão de 2005, quando fui convidado e compareci à reunião do CUN durante o Congresso Americano de Psicanálise.

De volta ao Rio informei sobre o CUN e o encontro de NY à minha Sociedade, APERJ, a qual me designou como seu representante.

Posteriormente, relatei o meu contato com o Comitê e seu trabalho aos membros dos conselhos diretores de todas as Sociedades do Rio, membros da IPA, em reunião na SBPRJ

Agora em Berlin ocorrerá novo reunião do Comitê. A segunda que eu irei, após longa troca de correspondência desde 2005

Este ano eu fui oficialmente indicado para ser membro do Comitê, aceitei e fui aceito, e o informe que se segue é parte do meu Mandato.

Além disso, eu acho importante informar a vocês o trabalho que vem sendo feito, os projetos e as possibilidades de participarem.

As tarefas do Comitê são as seguintes:

INTERNATIONAL PSYCHOANALYTICAL ASSOCIATION

United Nations Committee - Mandate

This Committee will have the following tasks:

To make psychoanalysis visible and heard in the United Nations system in general and in the meetings of the Economic and Social Council and its subsidiary bodies in particular.

To interact with other non-governmental organisations working with the United Nations system, particularly through the many established NGO (Non-Governmental Organisation) committees of potential interest to the psychoanalytic profession.

To bring international issues and concerns to the psychoanalytic profession, with a view to developing a methodology linking individual development to socio-economic development in the world community.

To assess the state of the discipline and practice of psychoanalysis in light of such international concerns as conflict prevention and resolution, effects of prejudice and ethnicity, violence, child abuse and in general the promotion of international welfare.

To consider, advise, and promote contributions that the profession of psychoanalysis might make in such areas of international concern.

The Committee on the United Nations will report to each meeting of the Board to describe the work done so far and any conclusions or inferences drawn from it. It will carry out its work by committee members' personal oversight in Geneva and New York and in communication with more distant members by telephone, fax, and email. It will hold working meetings at each biennial International Congress and other working meetings as may be arranged.

Approved by the Executive Council, August 1st 1997, Barcelona

Seus membros:

Afaf Mahfouz (New York) Chair
Salman Akhtar (Ardmore, PA)
Ira Brenner (Bala Cynwyd, PA)
Henk Jan Dalewijk (Weesp)
Terttu Eskelinen de Folch (Barcelona)
Emily M. Flint (New York)
Antoine G. Hani (Chevy Chase)
Deena Harris (New York)
Reyna Hernandez de Tubert (Mexico)
Moisés Lemlij (Lima)
Helen C. Meyers (New York)
Henri Parens (Wynnewood)
Vivian Blotnick Pender (New York)
Nadia Ramzy (St. Louis)
Harvey L. Rich (Washington)
Miguel A. Cabral Sayad (Rio de Janeiro)
Stuart Taylor (New York)
Juan Tubert-Oklander (Mexico)
Stuart Twemlow (Houston)
Isaac Tylim (New York), Secretary
Robert L. Tyson (Seattle)
Alberto M. Varela (San Juan, PR)
Sara Zac de Filc (Buenos Aires)

Senior Consultants

Abigail Golomb (Tel Aviv)
Max Hernández (Lima)
Otto F. Kernberg (White Plains, NY)
Inga Villarreal (Santafé de Bogotá)
Robert S. Wallerstein (Belvedere)

De 2005 até hoje o assunto que norteia o trabalho do CUN é o “Desaprender a Intolerância” . Em Outubro de 2006 foi organizado pelo CUN, pela primeira vez, um dia de conferências e debates na ONU com o seguinte título:

Approaches to prevention of intergenerational transmission of war, hatred and violence – a psychoanalytic perspective

O resumo das conferências, bem como o discurso de abertura do Presidente Claudio Eizirik , podem ser facilmente conhecidos no site da IPA. São muito bons e relevantes.

O CUN Gostaria de estimular a participação de qualquer psicanalista membro da IPA, e tornar-se cada vez mais visível e conhecido não só na ONU, mas também entre os psicanalistas. Gostaria também de estimular a participação dos colegas a pensarem e escreverem sobre esses temas de modo que contribuíssem para as discussões e pensamento do CUN.

Como uma semente, lançada pelo Presidente Eizirik, a idéia de que cada Sociedade Membro pudesse ter um correspondente ou elo de ligação com o CUN, pode vir a tornar-se como uma planta viçosa que se expande em multifacetadas ramagens adaptadas a ambientes tão variados como os tropicais, os desérticos ou os gelados do Norte.

Para terminar gostaria de lembrar aos colegas que a nossa Cultura psicanalítica, especialmente no Rio de Janeiro, é íntima, familiar e historicamente ligada a Berlin e sua relação com a Psicanálise, o que torna este Congresso muito relevante para nós.

Abraços

Miguel Sayad

Informação 2 aos Colegas da ABP.

O Comitê da IPA na ONU – IPA/CUN - no 45° Congresso Internacional de Psicanálise em Berlin. Julho 2007

Houve duas sessões durante o Congresso dedicada ao Comitê da IPA na ONU.

A primeira, “Psicanalistas nas Nações Unidas”, foi dedicada à memória de Paulina Kernberg, falecida ano passado e uma ativa e muito querida participante do Comitê.

Foi uma sessão emocionante à qual se seguiu uma projeção do primeiro encontro organizado pelo IPA/CUN na ONU, em Outubro de 2006. É um documento importante e muito ilustrativo do sentido e função deste Comitê e que apresenta o significativo e relevante discurso do Presidente da IPA, Dr. Cláudio Eizirik, nas Nações Unidas.

A segunda foi uma sessão privada para os membros do Comitê na ONU. Durante este encontro foram tratados assuntos administrativos e projetos para o próximo ano e apresentei ao Comitê, Dra. Sonia Eva, diretora do Instituto de Ensino da SBPRJ e membro do Comitê de Exclusão da IPA, ainda introduzi o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo PROPIS, Projeto de Psicanálise e Interface Social, do qual ela faz parte e a respeito do qual fez uma breve exposição. Após a reunião entreguei à chair do Comitê Dra. Afaf Mahfouz, o vídeo, em inglês, produzido pelos colegas do PROPIS e distribuí aos outros membros cópias de um texto sobre o trabalho que vem sendo realizado por este grupo.

Foi enfatizado nesta reunião a importância de divulgação do IPA/CUN e seu trabalho em todas as Sociedades componentes da IPA, cujo objetivo é tornar presente e ouvida na ONU a Psicanálise e suas contribuições para a diminuição da intolerância e violência entre as nações. O IPA/CUN espera despertar o interesse da comunidade psicanalítica neste trabalho e conta para isso que se estabeleça em cada Sociedade um elo de ligação com o CUN.

Aos membros e candidatos da APERJ

Nessa última 6ª feira de agosto, dia 17, participei, dentro da atividade Supervisão Cruzada, como apresentador e a Dra. Fernanda Marinho como supervisora, tendo a Dra. Sonia Eva Tuckerman como dirigente da mesa. Foi uma experiência muito boa, bastante criativa, com grande participação dos psicanalistas presentes, ou seja, membros da Rio1, Rio2 e Rio3. Eu era o único da Rio4.

Lá estiveram cerca de 40 pessoas e chegou-se a extrapolar o horário em virtude do grande interesse e das discussões proveitosas.

Uma experiência a ser repetida.

Abraços a todos.

Flavio Thamsten

IPA

45° Kongress

Remembering Repeating and Working Through in Psychoanalysis and Culture Today.

Berlin
Deutschland

25 – 28 Julho 2007

Breve Comentário

Miguel Sayad
28 Agosto 2007

Faz um mês que o Congresso em Berlim terminou. Aproximadamente o período em que fiquei de férias. Agora de volta às atividades habituais do dia a dia, a sedutora e intelectualmente excitante experiência do convívio com as novidades e provocações que este congresso propiciou vão se diluindo no horizonte do quotidiano.

Um vago sentimento de perda torna-se mais pungente a propósito da revisão que faço do programa do Congresso. Não pude estar em mais de uma sala ao mesmo tempo. Não pude participar senão de uma apresentação enquanto perdia muito mais. E vejo agora, revendo a programação, como foram significativas minhas perdas. É assim mesmo a vida; mas nem sempre reparamos. O poema de E. Bishop, “The Art of Loosing” faz mais sentido com a experiência de perder tanto em tão pouco tempo. O Congresso, tudo se passou em 4 dias. Só quatro ? E ainda havia Berlim para experimentar. Não deu tempo ou deu ?, tudo sendo experimentado junto: Psicanálise, IPA e Berlim.

Aí vai o meu envolvimento e ponto de vista. Misturado com os de muitos outros, ainda que silenciosos, poderíamos, ao final de quase tres mil pontos, ligando-os com uma linha imaginária ter um desenho preciso e impossível da Psicanálise e Cultura hoje.

A Realidade é impossível.

Mas não o nosso depoimento e testemunho.

Possível mas não Real.

A novidade, provocadora desde o início, foi a IPA debruçar-se sobre o mundo exterior. Exterior ? Será que existe alguém que a cultura em que vive não lhe seja interior? Mas, mesmo assim, distingui-se o mundo interno e as agruras da clínica psicanalítica no

consultório da aplicação do nosso conhecimento psicanalítico às vicissitudes e tragédias do mundo, materializado em políticas e ações de grandes grupos e/ou nações.

O maior desafio para a Psicanálise desde sua criação foi subsistir ao nacional socialismo, e para os colegas de Berlim, e aqui Berlim é Alemanha, renascer da quase destruição física e espiritual de toda uma nação. Entretanto, parafraseando o prefeito de Hamburg, na abertura do primeiro Congresso da IPA em solo Alemão após a guerra, em 1985, lembramos que se houve Hitler, houve Beethoven, Bach, Kant e muitos outros alemães que engrandecem o espírito humano.

Desde o primeiro dia fui tocado pela contemporaneidade e pelo movimento de reparação marcante no espírito do Congresso.

Fui a Kassel, convidado pelo Instituto Alexander Mitscherlich, a Sociedade Psicanalítica de Kassel, membro da DPV. Eu e mais uns vinte colegas de vários diferentes países.

Kassel é uma cidade a 4 horas de ônibus de Berlim. Foi praticamente destruída por bombardeios e que se tornou mundialmente conhecida pela exposição de arte contemporânea, A Documenta de Kassel, que ocorre de 5 em 5 anos, e que foi iniciada em 1955.

A Primeira Documenta foi organizada como um movimento de renascimento e reparação. Os artistas convidados tinham sido banidos pelo nazismo. De maneira semelhante o Instituto de Kassel estabeleceu um novo começo com um trabalho publicado por aquele que é homenageado no seu nome. O título do trabalho é “Medicina sem Humanidade” e foi baseado no julgamento dos médicos nazistas em Nuremberg, assim foi retomado o contato com a IPA no início dos anos 50.

É interessantíssimo e muito pertinente a proximidade da elaboração psicanalítica e da elaboração artística, marcantemente presente neste Congresso.

Tivemos uma visita guiada por dois dias à Documenta, conduzida por colegas do Instituto de Kassel, seu presidente Dr. Martin Teising, a quem sou particularmente agradecido e pelo Prof. Eugen Mahler psicanalista decano e artista plástico.

Em Berlin assisti a um quarteto de música contemporânea interpretando o texto de Freud, tema do congresso e uma análise artística e psicanalítica do texto “Uma Nota a Respeito da Lousa Mágica”, de Freud num museu próximo ao local do Congresso, iniciado com a leitura do texto e seguido de uma conferência pelo vice presidente da DPV. Foram vários os colegas alemães que apresentaram trabalhos em museus analisando obras de arte escolhidas por eles.

O espírito humano, a alma, poderíamos dizer, sempre foi tocada de perto em seus segredos e enigmas pela Arte e sua aproximação com a Psicanálise é um destino natural que se vê potencializado com o forte movimento que este Congresso demonstrou de aplicação da Psicanálise a situações, digamos, neuróticas, perversas e psicóticas da própria sociedade: intolerância, preconceito, violência social, guerra e genocídio.

Para nós, brasileiros, especialmente nós do Rio de Janeiro que tivemos nossa Sociedade de origem iniciada por psicanalista emigrado de Berlim após a guerra, a proximidade com a história da psicanálise na Alemanha, com a DPV e a DPG, foi altamente relevante e instrutiva. Uma experiência prática do tema Recordar, Repetir e Elaborar. Recordar e Elaborar para Não Repetir.

Foram emocionantes, e significativas do ponto de vista da elaboração as muitas apresentações que foram dedicadas a compreender histórica e psicanaliticamente a gênese e conseqüências sociais e individuais de relações de violência entre sociedades, nações, grandes grupos e ideologias.

Por exemplo: O Stalinismo e suas repercussão na sociedade Russa, Separação e Integração na Alemanha Reunificada, Freudianos e Jungianos durante o Nazismo, 14 anos de Encontros entre Descendentes de Judeus sacrificados no Holocausto e de nazistas, A Perda de Analista Didata devido a Violações Éticas, História pessoal e o Terceiro Reich, Um Episódio Psicótico Associado ao 11 de Set. 1973 no Chile, Psicanálise depois de Auschwitz, A Intratabilidade do Conflito Israel/Palestina, etc ...

Há um reconhecimento quase consensual da importância da rememoração da história, nacional e/ou individual, sua elaboração social através do reconhecimento efetivo e público das injustiças ou mal cometidos, ainda que inevitáveis devido ao curso da história e sua reparação por meio de medidas públicas e concretas, ao nível da ação - ação reparadora. Este é o meio mais efetivo que a psicanálise tem a recomendar para que se desfaça a compulsão a repetir o passado e o sintoma, ainda que em formas transformadas ou invertidas.

Dois dos trabalhos chaves do Congresso, as conferências matinais, o de W.Bohleber e o de J. Lear foram a respeito de traumas coletivos.

Houve dois encontros do Comitê da IPA na ONU (IPA/CUN). Ambos foram muito importantes e significativos para nós.

No primeiro deles, uma homenagem a Paulina Kernberg, participante muito ativa do Comitê, além da participação emocionada, mas também psicanaliticamente relevante, de Otto Kernberg, houve a projeção de um vídeo das conferências organizadas pelo Comitê em Outubro do ano passado na ONU, com o Presidente da IPA, Cláudio Eizirik, a quem tanto devemos este movimento expansivo e renovador da IPA, proferindo importante discurso.

No segundo encontro, apenas entre os membros do Comitê, apresentei o PROPIS, trabalho na interface social da Psicanálise que vem sendo realizado por um grupo de colegas da SBPRJ e apresentei ao Comitê a Dra. Sonia Eva, Diretora do Instituto de Ensino da SBPRJ e participante do PROPIS e que expos seu trabalho.

Ora, o congresso foi muito muito muito mais que este relato. 1/2700 avos. Mas este foi o meu Congresso e já foi quase que demais.

Se outros colegas fizessem seus relatos teríamos um panorama mais abrangente, pois a riqueza da clínica em consultório e das elaborações dos avanços teóricos-clínicos e metapsicológicos sequer foi mencionada neste parcial comentário,

Este Congresso deixará uma cicatriz de expansão, elaboração e reconciliação na história da IPA - uma marca na Psicanálise.

Miguel Sayad.

Sobre o conto “Frederico Paciência” de Mário de Andrade – reflexões.

Ponto de partida: Ensaio de Walther Castelli Jr – “Mário de Andrade e a construção da Cultura Brasileira”.

O conto Frederico Paciência principia por três períodos que constituem seu primeiro parágrafo, dos quais os dois primeiros finalizam por reticências que sugerem uma certa hesitação do narrador, ou uma certa demora dele na contemplação de fatos que resistem a uma imediata incorporação ao fluxo do narrado.

Como se saberá ao longo da história, o conto tratará das flutuações da amizade de dois ginasianos, o narrador, Juca, feio e fraco, e Frederico, exuberantemente belo (“Mais que beleza era vitória.”), ressumando a saúde, musculoso, dotado de perfeição moral e física. Os cambiantes limites entre a amizade e o afeto, que já é uma semente de amor, serão aos poucos traçados com sensibilidade fina, que avança e recua, atravessada de temores, angústias, carícias, até um beijo, que evidencia uma carga erótica que beira consumir-se, mas que se contém, entrevisto o caráter transgressivo desta experiência.

Em carta a Fernando Sabino, Mário de Andrade relata: “Não me animo a lhe mandar o conto que durou vinte anos quase se fazendo. Não desejo que ele seja lido em separado por causa da delicadeza do assunto”.

Essa declaração ratifica a hesitação do autor já constatada nos parágrafos iniciais do conto e nos anima a perguntarmo-nos sobre sua significação na economia geral da narrativa enquanto registro vital do autor, já que, como anota Gilda de Mello e Souza, Frederico Paciência alinha entre os contos autobiográficos de Mário de Andrade.

O narrador, que aqui se conjuga ao autor, busca no relato uma reconstituição de um fato passado que lhe queima na memória e que solicita uma lembrança que é também reelaboração de uma *vivência*. Esta, como afirma Walter Benjamin, no ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire”, é matéria da memória voluntária ou consciente, ou ainda daquilo que Proust chamava de memória da inteligência.

O fato que se busca rememorar, dada sua natureza transgressiva (uma amizade rondada por um excesso de sensualidade e afetividade que a aproxima da vivência homossexual), constitui para o narrador uma experiência de choque ou de confronto do desejo com as limitações do real censório – o corpo morto do Pai – presente, no caráter cauteloso de Frederico, como censura introjetada. Embora num primeiro momento, ao nível dos episódios da história, a morte do pai de Frederico constitua um fator de aproximação dos amigos, em seguida a presença do Pai irrompe entre eles: “Mas a imagem do morto se interpõe com uma presença enorme, recente por demais, dominadora. Talvez nós não pudéssemos naquele instante vencer a fatalidade em que já estávamos, o morto é que vencera.”

À medida que não se consuma como “vivência”, a homossexualidade reflui, se dissolve num conjunto de vagas impressões que atormentam o narrador: “... essa confusão com a palavra

'paciência' sempre me doeu mal-estavelmente. Me queima feito uma caçada, uma alegria, uma assombração insatisfeita."

O caráter ambíguo dessa "amizade" que constitui a matéria do conto irradia para a forma mesma do narrado e para a conceitualização do que sobre ele podemos dizer.

Para usar ainda a distinção de Benjamin no ensaio já citado, o fato narrado oscila entre a experiência e a vivência. Como esclarece Leandro Konder, "*Erfahrung* (experiência) é o conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como numa viagem; o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo. *Erlebnis* é a vivência de um indivíduo privado, isolado, é a impressão forte, que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos."

O conto, escrito como informa o autor, de 1924 a 1942, se arma, assim, como *experiência* (reflexão prolongada) construída sobre a *vivência* de uma frustração amorosa, entendido aqui o amor em sentido lato, isto é, como atividade erótica. Em outras palavras, a construção do relato é uma reflexão demorada sobre a vivência da perda de algo que se prometia como ganho.

Aqui caberão algumas considerações sobre a personalidade do autor de "Frederico Paciência"

Me utilizarei, para tanto, de dados fornecidos por Moacir Werneck de Castro em seu *Mário de Andrade, Exílio no Rio*. Conforme Werneck, a cara alegre e transgressora do papa do Modernismo brasileiro é, na verdade, uma máscara detrás da qual se ocultam outras caras menos felizes.

Em carta de 1925 a Sérgio Buarque de Holanda, Mário se define como "...um vulcão de complicações".

Em outra, destinada a Rosário Fusco, afirma que é mesmo um vulcão, mas "...um vulcão ... controlado (...) talvez excessivamente controlado."

"Conter o vulcão – função repressora em tudo semelhante à que a psicanálise atribui ao Id (sic) para varrer idéias e pensamentos que seriam insuportáveis ao Ego consciente fazia parte da atividade de Mário de Andrade como ser social. A isso ele dava nome especial: seqüestro, tradução própria do francês *refoulement* (recalque). Adota a expressão para explicar o sentimento amoroso na literatura popular brasileira: o 'seqüestro da dama ausente, ou seja, a ocultação da dor e da saudade e a insatisfação física. Sublimação disso na criação de imagens derivativas."

Em Frederico Paciência, a homossexualidade latente não é nunca claramente nomeada ou o é, por assim dizer, assintomaticamente, detendo-se sempre no limiar do nome em si. Citando o crítico João Luiz Lafetá, que estudou a pansensualidade – ou pan-sexualidade – de Mário de Andrade, com base em sua obra poética, no propósito de buscar por trás das máscaras do poeta sua cara, realizando "a procura do 'eu' que desce dentro de si mesmo e expõe – na linguagem do poema – as figuras de sua intimidade", Werneck lembra que, a propósito do poema *Brasão*, Lafetá diz: "É como se o poema, aproximando-se de um núcleo qualquer de

verdade terrível, fosse obrigado a interromper o discurso por algum motivo: a emoção que corta a voz, o impedimento sagrado, a manifestação de algo nefasto que não pode ser dito.”

Outros fatos, vazados na forma de poemas ou de confidências através de cartas poderiam ser aduzidos no sentido de compor a imagem exaustiva daquele "núcleo de verdade terrível" da atormentada experiência da sexualidade na obra e na vida de Mário de Andrade.

Dividido entre a vivência solitária e consciente da tendência transgressiva e a experiência de uma multidão de apelos sensoriais que lhe acenam sem resposta final, este narrador, em sua viagem erótica que não encontra destino, depara fantasmas vagantes de amores não realizados, balbuciando obsessivamente o verbo amar, intransitivo.

Indagações – Pode-se restringir a criação artística a um único viés apenas? No caso psicológico e auto biográfico? Ou será que ela transcende, em si, a todos recursos em compreendê-la? Válidos enquanto pontos de vistas somente? Neste caso, toda criação literária seria autobiográfica? Reducionista e simplista a visão, absolutista e ingênua? A escrita uma forma fascinante de elaborar conflitos? Enquanto ensaio criterioso, aponta para uma das infinitas facetas Andradianas.

Mário de Andrade mergulha fundo na “brasilidade” e na “alma humana”, vitalizando eternas passagens de nossa turbulenta andança – inquieta. A nós restando as inevitáveis elucubrações, nada mais. Ana Lia, 15-08-2005, RJ.

Psicanálise e Ética na prática clínica e na vida institucional

Cláudio Jose de Campos Filho

Membro - efetivo da Aperj-Rio 4

A Ética aparece na vida do homem para dar-lhe um sentido, uma moral que o permita se inserir entre os outros homens. Por analogia pode ser dito que o “Outro” fornece o caminho para que o ser humano encontre seu sentido para “Ser” e para “Existir”. Platão em “A República” cita um diálogo de Sócrates com Glauco ao se referir aos princípios éticos comentando “Esta investigação diz respeito ao que há de mais importante: viver para o bem, ou viver para o mal” (1).

A revelação do Inconsciente freudiano nos propõe uma outra visão dos princípios éticos, retirando-os da área da plena consciência e colocando-os ao lado dos desejos inconscientes e Freud assim se refere “Em rigor, do ponto de vista da psicanálise, não nos resta alternativa a não ser considerarmos todos os processos psíquicos em si como inconscientes” (2). Assim como para a releitura de Lacan, “ Na articulação teórica de Freud, a gênese da dimensão moral não se enraíza em outro lugar senão no próprio desejo. É da energia do desejo que se depreende a instância do que se apresentará no término de sua elaboração como censura” (3).

A revelação dos desejos inconscientes como formadores de uma Ética inerente aos humanos, enraizada na mais profunda e caótica estrutura de construção do Ser é assim descrita por Lacan: “Aquele que se submete à ordália reencontra no final suas premissas, ou seja, o Outro diante do qual essa ordália se apresenta, o Juiz, no fim das contas, da dita cuja.” (4)

Esta condição de predominância do inconsciente para a formação de uma Ética dos homens e para os homens é apresentada por Freud como se segue: “Do mesmo modo como o Eu-prazer não pode senão desejar, trabalhar pela obtenção de prazer e desviar-se do desprazer, o Eu-real nada mais precisa fazer além de almejar o que lhe traz benefícios e garantir-se contra danos. Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade não implica a destituição do primeiro, mas sim a garantia de sua continuidade.

Desse modo, um prazer momentâneo e incerto acerca de suas conseqüências só é abandonado para assegurar que mais tarde, por novas vias, se obtenha um prazer garantido. Entretanto, a impressão endopsíquica deixada por essa substituição foi tão marcante que ela se refletiu num mito religioso próprio. A doutrina da recompensa após a morte em troca da renúncia aos prazeres terrenos—voluntária ou forçada – nada mais é do que a projeção mítica dessa reviravolta psíquica. As religiões, ao perseguirem incessantemente esse modelo, lograram impor a renúncia absoluta ao prazer da vida, em troca da promessa de compensação em uma existência futura; entretanto, não conseguiram superar dessa maneira o princípio do prazer. É a ciência que mais se aproxima dessa superação, embora proporcione ainda algum prazer intelectual obtido durante o trabalho e também prometa um ganho prático final.”(5).

O princípio da neutralidade proporciona a Freud a compreensão da Ética da Psicanálise ao colocar que o “orgulho terapêutico” e o “orgulho educativo” impedem o processo psicanalítico. E mais ainda considera “contra-indicado dar diretivas ao paciente, tais como a de reunir as suas recordações, de pensar num certo período da sua vida, etc”. Como também propõe que como o cirurgião o psicanalista deve ter apenas um objetivo “levar a bom termo a sua operação, tão habilmente quanto possível” (6)

É no âmbito do V Congresso de Psicanálise, realizado em Budapeste em 1918, que Freud volta a essa questão, após uma intervenção de Sandor Ferenczi, centrada na atividade do analista e nos meios que ele deve recorrer para afugentar e proibir todas as formas de satisfação substituta que o paciente possa buscar no âmbito do tratamento, bem como fora desse quadro. Em essência, Freud assinala sua concordância com Ferenczi. Sublinha que o tratamento psicanalítico deve, “tanto quanto possível, efetuar-se num estado de frustração e abstinência.”(7). Mas deixa claro que não se trata de proibir tudo ao paciente e que a abstinência deve ser articulada com a dinâmica específica de cada análise.

“Em seu seminário de 1959-1960, dedicado à ética da psicanálise, assim como em textos anteriores que versavam sobre as possíveis variações do tratamento-padrão e da direção do tratamento, Jacques Lacan voltou à noção de neutralidade analítica, que situou numa perspectiva ética. Se Freud se mostrava prudente quanto à possível obtenção de uma satisfação posterior pelo paciente, fruto de sua renúncia a um prazer imediato, Lacan pretendeu-se mais radical, questionando a fantasia de um “bem supremo” cuja realização marcaria o “fim da análise.” (8)

Aí encontramos a base do que Lacan chama Ética da Psicanálise: o inconsciente, a regra da abstinência e a neutralidade. Freud nunca usou em seus trabalhos a palavra ética, no entanto é facilmente dedutível que a ética está implicada nestes conceitos para a realização da Psicanálise. O discurso psicanalítico para se estruturar dentro dos seus próprios achados junto ao Outro só pode ser ético. Por isto acredito que Freud evitou a palavra ética para não ofuscar os efeitos de suas descobertas sobre a estrutura do psiquismo humano.

Por outro lado, diversos psicanalistas seguidores de Freud encontram a ética no vínculo com o paciente e a colocam naquilo que julgam ser falha na relação analista-analisando. Assim como faz Winnicott em suas próprias palavras a seguir descritas: "O pecado imperdoável na psicoterapia seria o uso, pelo analista, da relação analítica para sua gratificação pessoal". Este princípio é bem semelhante àquele que se encontra na base do juramento original do médico, que proibia o contato sexual com um paciente. Hipócrates mostrou deste modo o quanto ele compreendia, no ano 400 a.c., o valor de se permitir que o paciente para a relação profissional padrões que, na verdade, são pessoais e, como diríamos nós, derivados do Complexo de Édipo direto ou invertido, estabelecido originalmente na primeira infância. O que Freud fez, para além disso, foi utilizar a contribuição pessoal do paciente para a relação profissional, numa tentativa organizada de trazer o passado para o presente, e assim criar condições em que podem ocorrer a mudança e o crescimento, onde só era possível a rigidez.

Abusar da neurose de transferência seria como seduzir sexualmente uma criança pequena, pois não está em condições de fazer verdadeiras escolhas de objeto, não estando ainda livre de um alto grau de subjetividade em suas percepções."(9)

Neste contexto, Winnicott segue os caminhos da ética profissional, vendo a relação psicanalítica por este ângulo. Não podemos deixar esquecer que sua trajetória é a de um médico pediatra e por este vértice chega a psicanálise através do conhecimento dos trabalhos de Freud e Melanie Klein. Não deixando de se interessar pelo desenvolvimento da criança e todas as suas conseqüências para a vida psíquica na fase adulta.

W.R. Bion desenvolve sua crítica a partir de sua idéia de pré-concepção e em texto de Dr. Arnaldo Chuster comentando o livro de Bion "Aprendendo com a experiência" (10) assim apresenta seus comentários: "O sentido principal do texto é mostrar a fragilidade do animal humano, sua incapacidade de conhecer o mundo no qual vai sobreviver. As únicas coisas

que traz para levar sua vida são pré-disposições inatas para buscar o psiquismo social que possa garantir sua sobrevivência como indivíduo.

Essas pré-disposições, as pré-concepções inatas, articulam-se, inicialmente, com um universo restrito: o seio, como fonte de contato social; a cena primária, como fonte de acesso à sexualidade criativa; a castração como fonte de regulação social e necessidades de ver, controlar e saber sobre o mundo.”(11)

Aí está o que Bion chama de ético porque o homem só pode realizar sua aprendizagem como experiência emocional e, portanto, de forma ética. Estando no mundo com o outro que na relação aprende e reproduz o viver em comum.

Nesta perspectiva apresentamos até este instante, autores que por caminhos diferentes concluem por uma Ética presente intrinsecamente nos textos freudianos como própria à realização do processo psicanalítico.

A seguir examinaremos como a instituição psicanalítica criou uma nova instância para a Ética nas relações psicanalíticas entre psicanalistas e entre estes e seus pacientes.

Uma instituição é uma organização de pessoas que pretende a se perpetuar e a seus objetivos. Assim Freud ao criar a “Associação Psicanalítica Internacional (International Psychoanalytical Association – IPA), em 30-31 de março de 1910, durante o 2º Congresso de Psicanálise, em Nuremberg, onde Carl Gustav Jung torna-se presidente” (12), pretendeu claramente estabelecer meios para perpetuar e garantir a essência de suas descobertas. Neste instante utiliza o Princípio da Realidade, estabelecendo uma lógica de poder que lhe permitisse alcançar suas metas. Estas neste momento impostas como regras do criador da Psicanálise para a transmissão e desenvolvimento de suas descobertas científicas; “sua Ciência.”

“Em junho de 1912 Ernest Jones sugere a criação do comitê secreto e, em 25 de maio de 1913, em Viena, Freud presenteia com anéis o comitê formado por Jones, Ferenczi, Abraham e Sachs”.(13)

Esta tática política de Freud visa a consagrar a manutenção de seus objetivos para a sua Ciência – a Psicanálise. E Ettore Albertoni a descreve da seguinte maneira, “ele parte da constatação tranqüilamente verificada (na prática da vida) da existência de governantes e de governados, e disto deduz duas conseqüências: inicialmente que “em todo organismo político existe sempre uma pessoa que está à frente da hierarquia de toda a classe política e detém o que se chama de o leme do Estado. Essa pessoa nem sempre é a mesma que detém legalmente o poder supremo e, às vezes, em lugar do Rei ou do Imperador herdeiro é um primeiro-ministro ou todo poderoso chefe do palácio do palácio, em lugar do Presidente eletivo, o político influente que o fez eleger-se. Às vezes, em virtude de circunstâncias

especiais, em lugar de uma só pessoa, são duas ou três que preenchem o cargo da direção suprema.”(14)

Freud desta forma exemplar de lógica do poder dá sustentação a sua instituição e, ao mesmo tempo, mantém o equilíbrio com suas idéias inovadoras e dinâmicas sobre o psiquismo do homem. E Maffesoli apresenta assim esta questão: “Tomando a clássica distinção aristotélica entre potência e ato, é conveniente esclarecer alguns elementos característicos da “concretização” da potência que acabamos de delimitar. Trata-se, pois, de exprimir o dinamismo criador da necessidade e do deliberado, o que Fourier chama de jogo hiper-racional do “Deus, fogo, natureza, paixões”. É precisamente a isso que remete a ambivalência individual que se estrutura numa relação de forças e de formas. E o funcionamento, como disfuncionamento dessa estrutura deve levar em conta essa totalidade incapaz, esse dinamismo destruidor ou criador que é o homem sensual.”(15)

Rouanet apresenta esta construção institucional por outro ângulo, mostrando o malabarismo de Freud entre o saber e o poder e se refere assim: “Sabemos que para Freud a maioria das formações psíquicas constitui uma forma de atender a duas exigências contraditórias: o sintoma, o ato falho e até certo ponto o sonho são tentativas de conciliar a pulsão com uma contravontade emanada do Ego. Mas se levarmos a sério a expressão “clivagem do Ego”, não haveria, no caso da denegação, um conflito entre o Ego e o Id, mas entre duas tendências do Ego, uma recusa a percepção externa, e outra que a admite. A denegação caracteriza assim uma forma de percepção baseada no entrelaçamento de duas tendências: a vontade de ver e a vontade de não ver. O Ego que denega percebe a ausência como presença, o vazio é investido com o pleno desejo, a ameaça de castração anula a castração real; mas em seguida essa presença fantasmática é cancelada por um novo olhar, que instaura uma nova visibilidade, e restitui ao vazio sua objetividade original. A negação delirante da ausência é abolida por uma negação da denegação. Mas na medida em que essa nova visibilidade é geradora de angústia, revivendo o pânico da castração, ela suscita contra tendência corretiva, e o primeiro olhar, reprimido, volta a predominar, expulsando o segundo, e reinstalando no centro do campo visual a percepção impossível.”(16)

E ainda podemos nos referir a questão ética de acordo com visão de intelectuais católicos franceses: “quando abordarmos o nível humano, tornar-se-á capital precisar as modificações psicológicas que acompanham a em ação a entrada desses mecanismos. Aí

tocamos “modos de ver” a outrem; e essas maneiras de ver serão radicalmente diferentes segundo sejam orientadas para a defesa ou para a simpatia”.(17)

Para terminarmos este trabalho apresentarei para vocês um caso clínico muito conhecido e do qual tomei conhecimento muito de perto, devido a minha posição na sociedade em questão.

Trata-se do caso do psicanalista que aceitou um torturador confesso para tratamento . Neste rumoroso caso poderemos ver como se aplicou a Ética de Psicanalista e a Ética na prática clínica.

O torturador se apresentou ao tratamento psicanalítico desde o início desejando fazer formação na Sociedade onde seu Psicanalista – Didata tinha grande influência.

Segundo os anais do Conselho Regional de Medicina e o Relatório da Comissão de Ética da Sociedade na época, o paciente-torturador não abandonou seu ofício até que o caso foi denunciado e amplamente divulgado no ambiente psicanalítico e médico pela Dra. Helena Bessermann Viana.

O Psicanalista - Didata o manteve em análise durante um período até que o caso foi divulgado e o didata interrompeu a análise dizendo não podendo mais trata-lo, sem contudo deixar de oferecer a oportunidade do paciente – torturador mudar de país e continuar como psicanalista, onde certamente não seria reconhecido. O paciente torturador se recusou e daí por diante ninguém mais o aceitou como paciente.

Sem querer entrar nos detalhes deste caso que seria muito extenso para os objetivos deste trabalho, pretendo ressaltar alguns aspectos.

O que realmente estava e ainda está nesta análise citada acima?

Em primeiro lugar, o Psicanalista-Didata aceitou tratar de um torturador como seu paciente movido por seu acumpliciamento com a ditadura militar? Ou foi a sua curiosidade perversa em tudo querer saber sob o submundo do crime organizado pela tortura durante o regime militar?

Creio que neste caso houve uma violação direta e clara da ética da Psicanálise. Quebrou-se no caso a Regra Fundamental da abstinência, a neutralidade e, sem dúvida, consciente ou certamente de forma inconsciente o Psicanalista – Didata se acumpliciou com seu paciente torturador, usufruindo desta relação benefícios inconfessáveis.

Creio também que o paciente – torturador procurou por uma pessoa que com ele fizesse uma aliança, de forma perversa, que o eximisse do compromisso assumido com a tortura. Procurou no Analista – Didata um confessor às avessas e jamais Um psicanalista

que mostrasse todo o seu grau de perversão. Infringiu assim a regra de associação livre e verdade que propiciam sempre uma boa análise.

Creio também que por omissão ou consentimento da sociedade psicanalítica esteve envolvida envolvida no caso, pois o paciente torturador comparecia aos seminários fardado, com uniforme militar em atitude de clara intimidação aos colegas. Quebrou-se a regra institucional de fastar o candidato dos seminários da formação e ainda deixando de submeter a um severo processo ético, de caráter absolutamente sigiloso, que o fizesse afastar-se se seu candidato – torturador, e o mesmo ambiente societário. Intimidaram-se todos e como sabemos a covardia frente aos atos perversos, só faz por perpetuar a culpa e a transgressão Ética claramente presente no caso.

Para terminar agradeço aos colegas por permitir apresentar este trabalho fruto de muitas recordações dolorosas.

Claudio Campos

Sumário

O autor mostra a relação intrínseca entre Ética e Psicanálise provém da teoria do Inconsciente, da Regra Fundamental e da Neutralidade. Analisa a Ética nas instituições psicanalíticas, demonstrando sua lógica de poder e que nas instituições a Ética da Psicanálise terá que manter um equilíbrio e harmonia como Ética nas Instituições Psicanalíticas. Finalmente apresenta a aplicação destes conceitos num exemplo onde as duas expressões da Ética deveriam estar articuladas nas instituições e na prática clínica da psicanálise.

Uni termos

Psicanálise –Ética, Regra Fundamental, Neutralidade, Inconsciente, Instituição – Associação Livre, verdade.

Homenagens

Ao Dr. Horacio Etchegoyen por sua coragem, integridade e capacidade administrativa inigualável como Presidente da IPA na época.

Ao Dr. Robert Wallerstein, por manter desde o princípio denúncia do caso, não permitindo que o tempo o destruído pela poeira da mentira .

Aos membros que integraram a Comissão de Ética da Sociedade: Nádía Serio, Roberto Musachio, Heladio Miziara , Vera Márcia Ramos, Boris Rick que tiveram a coragem de apurar com grandiosidade as denúncias que ocorreram.

A Dra. Helena Bessermann Viana, pela luta pela ética na Psicanálise até os últimos dias de sua vida.

Notas:

- 1- Ética- Direito, Moral e Religião no Mundo Moderno –Fábio Knder Comparato - Companhia das Letras, pg.17.
- 2- Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Estudos sobre a Psicologia do Inconsciente – Vol. II, Ed. Imago, 2006, pg 24.
- 3- O Seminário – Jacques Lacan –Livro 7 – A Ética da Psicanálise –Nosso Programa, pg. 12
- 4- O Seminário – Jacques Lacan –Livro 7 – A Ética da Psicanálise –Nosso Programa, pg. 13
- 5- Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Estudos sobre a Psicologia do Inconsciente – Vol. II, Ed. Imago, 2006, pg 24.
- 6- Vocabulário de Psicanálise – Neutralidade -J. Laplanche e J.B. Pontalis – Moraes Editora, pg.405.
- 7- Dicionário de Psicanálise – Regra de Abstinência –1ªedição, Elisabeth Rondinesco e Michel Plon - Jorge Zahar Editora, pg.405.
- 8- Dicionário de Psicanálise – Regra de Abstinência –1ªedição, Elisabeth Rondinesco e Michel Plon - Jorge Zahar Editora, pg.405.
- 9- Natureza Humana, D.W. Winnicott, Direção de Jayme Salomão , tradução de Litman Bogomeletz –Imago Editora- Rj –1990
- 10-Aprendendo com a experiência, W.R. Bion- 1962 Learning from experience , Londres, Henemanan
- 11-Caderno de Bion –1 Seminários com Arnaldo Chuster –Uma teoria de Pensar, aprendendo com a experiência -Julio César Conte (Org.)– Editora Escute - Porto Alegre, R.S. Instituto Bion Editores –1997 , pg 21.
- 12-O Circulo Secreto- O circulo íntimo de Freud e a Política da Psicanálise, Phyllis Grosskurth, Tradução Paulo Rosas –RJ –Imago Ed, 1992, pgs, 14, 15 e 16.
- 13-O Circulo Secreto- O circulo íntimo de Freud e a Política da Psicanálise, Phyllis Grosskurth, Tradução Paulo Rosas –RJ –Imago Ed, 1992, pgs, 14, 15 e 16.
- 14-Doutrina da Classe Política e Teoria das Elites- Ettore A. Albertoni; Tradução de Maria de Lourdes Meneses –RJ –Ed. Imago, 1990 –pg 99.
- 15-A violência Totalitária – Ensaio de Antropologia Política - Michel Maffesoli –Porto Alegre - Editora Sulina –2001 – pg. 73
- 16-A razão criativa – As ilusões da consciência: De Platão a Freud –Sergio Paulo Rouanet –São Paulo – Editora Brasiliense S/A- 1985 –pg. 146
- 17-A Violência – Centro Católico de Intelectuais Franceses - Rio de Janeiro, RJ – Laudes Ed. S/A. 1969, pg 60.

Bibliografia:

1. Albertoni, Ettore A. – Doutrina da Classe Política e Teoria das Elites – Rio de Janeiro, RJ – Imago Editora Ltda. -1990.
2. Andery, Maria Amalia ...et a. – Para Compreender a Ciência – Rio de Janeiro, RJ – Espaço e Tempo Editora – Educ Editora, São Paulo, SP, 2001.
3. Aristoteles – Ética a Nicômacos – Brasília, DF – Universidade de Brasília Editora, 1985.
4. Bion, W.R. – Atenção e Interpretação – Uma Aproximação Científica à Compreensão Interna na Psicanálise e nos Grupos – Rio de Janeiro, RJ –Imago Ed. Ltda, 1973.
5. Bion, W.R. – Elementos de Psicanálise – Rio de Janeiro, RJ – Imago Editora Ltda, 2004
6. Centro Católico de Intelectuais Franceses – A Violência – Rio de Janeiro, RJ – Laudes Ed. S/A. 1969.
7. Chalita, Gabriel – Os Dez Mandamentos da Ética –Rio de Janeiro, RJ, Nova Fronteira Editora, 2003.
8. Chuster, Arnaldo – Cadernos de Bion – Uma Teoria do Pensar e Aprendendo com a Experiência – Porto Alegre, RS –Instituto Bion Editores, 1997.
9. Chuster, Arnaldo...et a. – W.R. Bion – Novas Leituras – A Psicanálise: Dos Modelos Científicos aos Princípios Éticos Estéticos – Rio de Janeiro, RJ – Companhia de Freud Editora, 1999.
10. Comparato, Fábio Konder – Ética – Direito, Moral e Religião no Mundo Moderno – São Paulo, SP – Companhia das Letras Editora, 2006.
11. Freud, Sigmund – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente – Vol I – Obras Psicológicas de Sigmund Freud- Rio de Janeiro, RJ- Imago Editora Ltda., 2004.
12. Freud, Sigmund – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente – Vol II – Obras Psicológicas de Sigmund Freud- Rio de Janeiro, RJ- Imago Editora Ltda., 2006.
13. Freud, Sigmund – Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros Trabalhos – Vol XII –Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Rio de Janeiro, RJ –Imago Editora Ltda., 1976.
14. Grosskurth, Phyllis – O Circulo Secreto: O circulo íntimo de Freud e a Política da Psicanálise – Rio de Janeiro, RJ –Imago Editora, 1992.

15. Jaeger, Werner – Paideia – A Formação do Homem Grego – São Paulo, SP, Martins Fontes Editora, 1986.
16. Kirk, G.S; Raven, J. E. – Os Filósofos Pré – Socráticos – Lisboa, Port. – Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
17. Lacan, Jacques – O Seminário- Livro 7 a Ética da Psicanálise- Rio de Janeiro, RJ – Jorge Zahar Editor, 1997.
18. Laplanche, J. ; Pontalis, J-B – Vocabulário da Psicanálise – Lisboa, Port – Moraes Editora, 1976.
19. Maffesoli, Michel – A Violência Totalitária –Porto Alegre: Sulina, 2001.
20. Morin, Edgar – Ciência com Consciência –Rio de Janeiro, Rj – Bertrand Brasil Editora, 2005.
21. Person, Ethel S. ; Cooper A. M.; Gabbard , G. O. –Compêndio de Psicanálise – Porto Alegre –RS – Artmed Editora, 2007.
22. Rauter, Cristina... et a. –Clínica e Política –Subjetividade e Violação dos Direito Humanos –Rio de Janeiro, RJ, Instituto Franco Basaglia,- Te Corá Editora, 2002.
23. Roudinesco, Elisabeth; Plon, Michel – Dicionário de Psicanálise –Rio de Janeiro, RJ- Jorge Zahar Editor, 1998.
24. Rounet, Sergio Paulo – A Razão Cativa – As Ilusões da consciência de Platão a Freud – São Paulo, SP, Brasiliense Editora S/A, 1985.
25. Von Ihering, Rudolf – A luta pelo Direito – Rio de Janeiro, RJ- Forense Editora, 1996.
26. Winnicott, D.W. – Natureza Humana – Rio de Janeiro, RJ – Imago Editora Ltda., 1990.

Espaço Potencial

Autonomia ou impasse

Rosa Albé

Na clínica de pacientes severamente regredidos as questões giram, freqüentemente, em torno da constituição e consolidação da própria identidade que, quando ameaçadas, resultam na angustia de aniquilamento e morte psíquica.

Tendo que constituir seus próprios contornos, fronteiras e identidade, esses pacientes nos obrigam freqüentemente a vivenciar, pensar e elaborar sua problemática através da questão dos limites. Estão em jogo nossos limites técnicos, teóricos, pessoais e os da própria psicanálise, quando vivemos situações em que nos perguntamos se o que fazemos é ou não é psicanálise, o que a constitui e até onde podemos ir. São situações-limite e momentos especialmente solitários, em que uma de nossas principais ferramentas é ter liberdade e autonomia para pensar, sentir e estar com o paciente.

São relações que demandam do analista uma especial dedicação à particularidade que é aquela pessoa, à especificidade de sua necessidade, dedicação esta que constitui um investimento que forçosamente lhe faltou.

Para Winnicott, o conceito de regressão diz respeito não somente aos pontos de fixação da pulsão, mas também a pontos bons ou maus da relação ambiental. Essa regressão representa, em vez de uma defesa, uma esperança de poder retomar, na relação analítica, a parte da personalidade que teria ficado dissociada.

Na saúde, diz Winnicott, **o objeto é criado pelo bebê**. Esses pacientes vêm, então, reivindicar espaço e tempo disponíveis na relação com o analista para que a relação com o mundo possa acontecer de dentro para fora, como **experiência pessoal criativa** e não como um constante defender-se de invasões.

O espaço potencial é o local que consiste na separação que é uma forma de separação mas também de união. É a área hipotética que existe, mas pode não existir (depende da mãe como dependerá do analista). Winnicott nos diz: "**em circunstâncias favoráveis, o espaço potencial se preenche com os produtos da própria imaginação criativa do bebê. Nos desfavoráveis, não há o uso criativo do objeto. Tudo o que provém de outrem nesse espaço constitui material persecutório, sem que o bebê disponha de meios para rejeitá-lo". (o grifo é meu).**

A essa questão estão relacionadas muitas resistências quando em vez de o analista esperar que o paciente preencha esse espaço, ele se adianta, interpreta, ocupa o lugar do paciente, muitas vezes sem se dar conta. Se isso for aceito pelo paciente (por submissão), introduz-se ou reinstala-se o falso self, agora na relação analítica, reforçando a dissociação já existente.

O paciente, entretanto, pode não aceitar a invasão e, em função da dependência, ficar na relação, aprisionado num eterno desencontro, tentando fazer-se entender no sentido de não aceitar a participação invasiva do outro, para poder manter viva sua esperança de ser. Esses conceitos estão implícitos, no entendimento de uma situação clínica que me parece uma das fontes de **impasse** em algumas análises.

Esta situação pode apresentar-se por um sentimento de **imobilidade** do analista cuja fala perturba o paciente que pode ficar irritado ou intimidado; as interpretações transferenciais são especialmente rejeitadas e o analista pode sentir que o paciente não o recebe ou não aproveita o que ele diz. A demanda do paciente pode ser que o analista não fale e se ele o faz o paciente se retrai ou falta. O próprio processo analítico pode ser sentido como se estivesse submetido a essa **imobilidade**.

O paciente demanda que o analista seja disponível, mas de uma maneira que sua própria pessoa não se destaque na relação. Além disso, qualquer situação que mobilize mais intensamente os sentimentos na relação analítica desperta um movimento de retraimento, seja através de faltas seja de um recolhimento (num exemplo extremo, tive um paciente que adormecia sempre que eu começava a falar e isso durou mais de um ano).

Relembrando, Winnicott: "tudo que venha de outrem nesse espaço constitui material persecutório". É persecutório, parece-me, porque significa intrusão, **a invasão do espaço criativo cuja preservação é condição para uma vida autônoma e pessoal, ou seja, é condição para a própria alteridade**. Diante dessa invasão, as alternativas parecem ser a submissão (falso self) ou a rejeição, quando já se tem força para isso. Rejeitar alguém de quem se necessita é, porém, além de difícil, extremamente doloroso. A ameaça de diferenciação precoce, feita de fora para dentro, significa a ameaça de estar diante de um ser todo-poderoso e, ao mesmo tempo, diante da própria imensa fragilidade.

Cria-se uma resistência à relação, mas à relação enquanto relação diferenciada. Voltamos ao paradoxo: a mãe já estava lá ou foi o bebê que a criou? Esse paradoxo é para ser vivido, suportado e não resolvido, played, aceito e não para ser falado, porque a palavra rompe a brincadeira, força a integração, expõe e devassa algo que por ser tão tênue, frágil e incipiente, pode não suportar tanta luz, sem ser injuriado ou machucado.

O foco está no paciente e a relação deve favorecer que assim seja, isto é, que o foco esteja em um só. O analista deve ficar de certa forma "excluído", para que o paciente possa experimentar o próprio viver autonomamente.

A imobilidade desejada não é porque a pessoa ou importância do analista seja negada ou diminuída. Esta é uma etapa da análise em que a presença do analista é reconhecida como fundamental, desde que ele possa aceitar esse lugar de retaguarda. Por isso, o paciente não falta, embora não possa aceitar a fala do analista.

O impasse pode surgir se o analista não aceitar ficar excluído e se incluir, no momento em que o objeto deve poder ser repudiado para a afirmação do próprio ser do paciente. Se o analista interpreta a dificuldade de viver a relação, ele lança o paciente de volta ao lugar de onde ele necessita sair (do impasse). Esse tipo de interpretação supõe a diferenciação ainda não alcançada, obriga o paciente a aceitar a necessidade de reconhecimento do analista e, retoma a questão da submissão ou recusa do analista para ficar consigo mesmo. É ou um ou

outro, esse é o impasse, essa é a situação que já aconteceu e o paciente precisa de uma relação (que não suprima, dessa vez, a área transicional), para resolve-la.

O paciente defende-se das invasões, venham elas de dentro ou de fora, isto é, defende-se do que ainda não é capaz de metabolizar. Neste momento, é vital a questão econômica. Há pacientes que não aceitam que o analista fale ou que só suportam ter um número limitado ou alternado de sessões, assegurando com essa alternância um espaço protetor. E faltam quando recebem uma boa interpretação, se isso significar o reconhecimento prematuro da relação. O mais importante **é a constituição ou manutenção da frágil alteridade**.

Nesse momento, o lugar do analista é de abstinência já que implica em existir na medida da necessidade do outro. É da experiência de qualquer mãe que seu filho ou filha queira que ela fique ali, sem fazer nada, sobretudo sem interferir enquanto estão brincando. De vez em quando, a criança vem e olha para a mãe só para certificar-se de que ela está lá. A mais importante contribuição que a mãe pode dar é aceitar esta "imobilidade", para que ela, segura de sua presença, possa fazer suas experiências, descobertas, ficar consigo mesma. Se o analista não puder fazer isso, o paciente não sai da imobilidade a que foi submetido.

O paciente pode faltar ou retrain-se de uma forma que faça pensar na não sobrevivência da relação e ele precisa de alguém que suporte isso, para ousar começar a relação. Este paciente necessita de alguém que, **dessa vez**, não necessite dele.

O analista pode viver essa imobilidade como tentativa do paciente de submetê-lo, quando o que ele pretende, no momento, é sair do lugar de submetido. Retorna-se à questão do ou um/ou outro, isto é, retorna-se ao impasse se o analista precisar defender-se e provar que não se deixa imobilizar.

Para esses pacientes é comum que essa necessidade seja confundida com ataque ao vínculo, controle onipotente do objeto, baixa resistência à frustração, tudo isso ligado à pulsão de morte e à inveja (o que pode aparecer logo adiante), fatores considerados primários. É fundamental discriminar o ataque invejoso do corte na relação que é feito com o propósito de salvaguardar uma precária diferenciação, uma barreira consciente/inconsciente mal consolidada. Esta é, clinicamente, uma situação crítica porque refere-se à ameaça presente de aniquilamento ou ameaça ao sentimento de autonomia e de alteridade (o que é inegociável) e implica que eles não podem fazer diferente. A submissão só pode ser aceita pelo falso self e nunca pelo verdadeiro self.

Desesperançados, conscientes das dificuldades que têm nas relações, sentem-se culpados, mas permanecem oscilando entre buscar a relação e não permitir que ela aconteça. **No embaralhamento de limites, nunca fica claro o que é a própria agressividade ou o que é invasão ou agressividade do outro**. Podem manter o contato com o analista, sem que haja, no entanto, mudança verdadeira, e, principalmente, **sem conquistar o acesso a si mesmos** (possível pela existência do espaço potencial onde se daria o gesto espontâneo criativo que inicia uma vida pessoal). Aprendem psicanálise e aprendem sobre si mesmos, mas não mudam.

No que diz respeito a esses momentos e para ajudar a diferenciá-los, Winnicott nos fala da necessidade de viver a ilusão de onipotência como uma fase do desenvolvimento que implica na confiança e no objeto (**objeto que aceita ser objeto subjetivo do outro**) diferenciando-a da onipotência como defesa que exclui o objeto e a esperança.

A criança precisa da mãe disponível e "controlada", para ficar tranqüila consigo mesma, fazendo a experiência de ficar só. Se essa mãe ameaça ir embora, ela rouba a atenção que a criança dispensaria a si mesma e a seu próprio mundo. Essa imobilidade não é uma paralisia, ao contrario, exige do analista flexibilidade, disponibilidade e constante discriminação e elaboração de seu narcisismo. Ela evidencia para o analista a diferença que é o paciente. É um lugar solitário que o confronta com seus próprios limites. Por que seria a interpretação verbal, a única evidencia da presença e trabalho do analista, se o que está em jogo é anterior à simbolização? Winnicott, em seu artigo sobre criatividade, refere-se ao "seio que é" versus o "seio que faz". O "seio que é" permite ao bebê ser. O "seio que faz" mas sobretudo o que precisa fazer (como o analista que precisa interpretar e "fazer psicanálise") pode desencadear uma série de reações menos a possibilidade de ser. O paciente, freqüentemente, defende-se da mesma maneira, falando, fazendo, como uma forma de provar que está vivo e criativo.

Os pacientes defendem-se de uma relação falsa (pela submissão) que os colocaria como satélites em torno de um astro central. Seria, provavelmente, a repetição da relação com uma mãe que não pôde deixar o bebê no centro das atenções e teve ela mesmo que ocupar esse lugar.

Lembro André Green quando diz que a possibilidade de estar só, isto é, de separar-se da mãe e constituir essa existência independente, implica na percepção da existência ininterrupta da mãe em quem se pode confiar e que autoriza que se a deixe entre parênteses, sem risco de perde-la quando se quer gozar a separação.

O paciente precisa de um analista, para com ele constituir esse espaço onde possa existir e criar em seu próprio ritmo. É a possibilidade de estar só e de brincar sozinho, só que isso só pode acontecer na presença de um outro, na relação com o outro e com **um outro que suporte estar só.**

Rosa Albé

Revisão do trabalho apresentado no Simpósio de Winnicott/1996

As questões técnicas da “virada” de 1920

É necessário, agora, examinar quais seriam as conseqüências técnicas induzidas pela virada de 1920 e seus desdobramentos nos anos de 1937-38.

Uma mudança teórica tão conseqüente quanto esta que nós vamos descrever, parece naturalmente implicar uma inflexão da teoria da cura e os desafios do trabalho de interpretação que esta implicaria. É difícil acreditar que uma modificação que alcance o princípio fundamental do funcionamento psíquico ficasse sem efeito sobre o trabalho psicanalítico ele mesmo. E, no entanto, ao menos em aparência, Freud não parece ter experimentado a necessidade de tirar as conseqüências (ao menos até 37/38), e mesmo, ao contrário, podemos constatar a rarefação de seus escritos técnicos. Isso significaria que, no que lhe diz respeito, os fundamentos da teoria da cura e do trabalho psicanalítico estariam suficientemente estabelecidos e esclarecidos e que o aprofundamento do trabalho metapsicológico poderia continuar sem modificações notáveis da prática, ela mesma; não haveria mais que conseqüências clínicas.

É, sem dúvida, o que pensa um certo número de psicanalistas atuais que parecem considerar que é necessário permanecer nos fundamentos da prática dos anos 1907-1913. A menos que se considere que, ao contrário, a ausência de textos técnicos dos anos 1923-37 testemunha uma dificuldade e mesmo um certo mal estar na teoria da cura, nessa época.

Diferentes sinais me inclinariam mais para esta segunda interpretação. Em 1923, Freud sublinha a existência da reação terapêutica negativa e os problemas técnicos que seu manejo implica; no mesmo ano, ele coloca o acento sobre os sonhos de “complacência transferencial”, e a atenção posta, em 1924, sobre a questão da realidade na neurose e psicose encerra uma interrogação clínica e técnica, etc.

Tudo isso, dando origem além de à “Análise terminável e interminável”, à “revolução” técnica anunciada, como de passagem, no fim de “Construções na análise” e “à título experimental”.

Ao mesmo tempo que se constata em Freud este relativo esgotamento da reflexão técnica, S.Ferenczi, de seu lado, empreende, ao contrário, toda uma série de “experiências” e de reavaliação tanto dos princípios que governam o trabalho psicanalítico quanto do enquadre deste trabalho. A correspondência que mantêm esses dois homens, nessa época, sublinha a maneira pela qual Freud “segue” essas “experiências” com interesse e atenção, mesmo quando ele não adere às “aventuras” de seu discípulo. Parece-me provável que foi historicamente atribuído à Ferenczi o papel de abordar a questão das conseqüências técnicas implicadas pela existência de “Além do princípio do prazer”.

Parece-me, portanto, que Freud esteve em dificuldade durante um tempo para articular concretamente, no seio da cura, o efeito de suas considerações sobre a compulsão de repetição e, em particular, a reavaliação da relação com a realidade histórica que elas implicam com o efeito das clínicas sobre a qual ele se inclina. Ele levou tempo para reduzir uma certa clivagem que se instaurou nele entre uma certa teoria da cura – essencialmente centrada sobre o fantasma e o Edipo – e o peso das realidades históricas, jamais abandonadas verdadeiramente, mas com uma inserção suspensa, nesse modelo.

A esse respeito, sublinhamos que a redução da clivagem pessoal que Freud cita em “Um problema de memória sobre a Acrópole” leva precisamente à dificuldade de reconhecer plenamente a existência de uma realidade – precisamente aquela de um pedaço da história – que atinge uma representação idealizada do pai. O que Freud chama na época de

“ultrapassar” o pai, merece ser interpretado em função dessa dificuldade de reconhecer, contra ele, a existência de certas realidades históricas. Nesse trabalho, em suspenso desde 1904, enfim realizado, Freud pôde então retomar o trabalho sobre a teoria da técnica e escrever “Construção” e “A clivagem do ego”.

O que me parece importante sublinhar aqui diz respeito ao fato de que a questão da clivagem de Freud, como também a questão da clivagem em sua obra, abre a questão do estatuto da realidade histórica/pré-histórica. A clivagem protege o objeto da mesma maneira que o sujeito ele mesmo, ela protege o objeto antes de proteger o sujeito e só protege o sujeito num segundo efeito secundário. Não deve surpreender muito, portanto, que um artigo como “Construção” coloque, afinal, a questão da realidade histórica e seu disfarce no centro de sua argumentação e que minha própria reflexão retome essa questão, situando-a no centro das inflexões induzidas pela “virada” de 1920.

Mas antes de chegar a esses pontos fundamentais para nossa clínica atual e, em particular, essa que concerne às patologias narcísico-identitárias, eu gostaria de, antes, apresentar, fiel ao método que me propus seguir nesse livro, algumas das principais conseqüências quanto à teoria da cura e da técnica que me parecem implicadas na virada de 1920. Conseqüências compulsórias ou logicamente implicadas mesmo que, de fato, elas não tenham sido claramente consideradas, nem na época, nem mais tarde. Mas antes de poder efetuar um tal trabalho, é necessário, preliminarmente, fazer um balanço teórico que diz respeito à teoria da cura antes dessa mutação.

Na teoria da cura “primeira metapsicologia”, isto é, no trabalho psicanalítico modelo 1907-1913, o trabalho se apresenta essencialmente como centrado sobre a redução do hiato interno entre inconsciente e pré-consciente. Esse hiato define um espaço de trabalho e de resistência intrapsíquica. Uma representação-coisa inconsciente, anteriormente recalçada, é reativada e tenta penetrar à força no seio do pré-consciente que responde a essa ameaça por um conjunto de defesas e de resistências. As representações-coisa inconscientes assim reativadas aparecem, além disso, associadas a um “complexo” central que se torna, pouco a pouco, alcançável: o complexo “paternal” que articula desejo e conflito em função das particularidades das conjunturas históricas da vida do sujeito.

Em uma tal representação do funcionamento psíquico, não há a problemática da subjetivação, a única “dificuldade” localizável é aquela da “tomada de consciência” dos conteúdos psíquicos recalçados: esses conteúdos psíquicos são as representações de desejos que o sujeito deve aprender a reconhecer em si ou aprender sobre sua existência e efeitos sobre si. Tudo o que vem do inconsciente é de natureza representativa (modelo do sonho) tudo está no continente (dans le sac) da subjetividade, ao menos potencial e eventualmente, sob a égide do recalque. O trabalho de interpretação vai ser facilitar a tomada de consciência dos desejos recalçados, isto é, reduzir o hiato entre inconsciente e pré-consciente, criando uma ligação secundária entre as representações de coisas inconscientes e as representações de palavra que caracterizam o pré-consciente e o acesso à consciência.

A virada e a reorganização “tópica” de 1920 vão abrir uma série de “novas” questões, uma série de novos espaços de trabalho intrapsíquico.

De início, a distinção de 3 inconscientes lá onde a teoria precedente só havia identificado dois, abre potencialmente um novo hiato no seio do inconsciente ele mesmo e não somente entre o inconsciente e pré-consciente. Na medida em que Freud distingue o Id do Ego, esse espaço de trabalho implica uma questão que não pode ser pensada simplesmente em termos de tomada de consciência mas que deve ser abordada em termos de transformação intrapsíquica, de subjetivação e de apropriação egoica. Simultaneamente, Freud deixa entender que uma parte do aparelho psíquico, singularmente o Id, não é de

natureza representativa. É necessário distinguir no seio do aparelho psíquico o que é representado ou o foi (recalcado) e o que não é representável ou que não foi representado (veremos que é lógico evocar então a clivagem).

À tarefa, já definida no seio da primeira metapsicologia, de facilitação da “tomada de consciência” acrescenta-se então potencialmente, talvez a substitua, um outro trabalho de subjetivação e tudo indica que ele deva se efetuar por um processo de realizar a representação. Há, deve haver, um trabalho de colocar em representação uma parte do psiquismo. Isso significa que a transformação da experiência em representação não acontece por si só, que ela surge de uma verdadeira “transformação” e não de uma simples operação “automática” de retenção energética.

Toda a problemática da ligação primária que aparece nessa época, nos textos de Freud

(cf. “O problema econômico do masoquismo”) testemunha isso. A oposição não passa mais simplesmente entre os processos secundários e os processos primários: é no seio dos processos primários, eles mesmos, que a questão da ligação se põe, como sublinhamos nos capítulos precedentes. É necessário então distinguir aquilo que, no seio dos processos primários, recebeu um modelo de ligação, daquilo que, ainda no seio dos processos primários, não é ligado, portanto não é representado, portanto não é subjetivado e será, portanto, submetido à compulsão de repetição, nessa mesma medida.

Nos textos de Freud, dessa época, duas formulações testemunham essa inflexão teórico-técnica; a primeira talvez apreendida em torno da fórmula que, por vezes, substitui aquela de “tomada de consciência”, é o “tornar consciente” que sublinha muito mais o processo de transformação necessária à modificação da situação tópica de um conteúdo psíquico, que o conceito de tomada de consciência. A segunda aparecerá em 1932 na célebre fórmula *Wo es War soll ich werden* que abre a problemática da apropriação subjetiva e que substitui aquela da simples tomada de consciência.

Globalmente, isso significa que o trabalho psicanalítico não pode mais ser pensado simplesmente como um trabalho de ligação entre as representações de coisa inconscientes e as representações de palavra, isto é, um trabalho de ligação “secundária”. Este trabalho, se ele permanece efetivamente importante, deve poder ser dialetizado com um outro determinante de interpretação, aquele de permitir que se efetue a ligação primária e que se analise o tipo de ligação primária que o psiquismo colocou em funcionamento – é o problema, em particular, da análise do masoquismo no funcionamento psíquico e não mais simplesmente considerado a partir da forma que ele toma nos fantasmas masoquistas como em “Bate-se em uma criança”. Assim, à redução do hiato entre inconsciente e pré-consciente no seio do Ego, vem acrescentar-se o trabalho complementar da redução de um outro hiato, aquele que separa o Id do Ego, esse que diz respeito à operacionalização dos sistemas de ligação primária.

A evocação da questão do masoquismo nos faz naturalmente abordar os limites de outro espaço de trabalho, aquele que a refundição metapsicológica de 1920/23 implica: o problema do superego e da relação ego-superego. Freud sublinha a existência de uma resistência que se opõe à descoberta e à retirada das resistências, portanto, de uma resistência inconsciente. Esta questão não pode mais ser pensada simplesmente com a ajuda do conceito de censura e do conflito que opõe o desejo inconsciente à censura, ela tem necessidade do conceito de superego para poder ser tratada. Isto quer dizer de um conceito que introduza, pela via das identificações, a história das respostas dos objetos edipianos aos movimentos pulsionais do sujeito. O superego é, em parte, inconsciente, o inconsciente não é mais apanágio somente do sujeito, do Ego-sujeito, é também uma característica das instâncias reguladoras e/ou desreguladoras do psiquismo, e, certamente, dos objetos dos quais elas são

herdeiras. O problema não é mais somente relação desejo/censura, o problema se torna o das relações ego/superego e isto tanto num nível pré-consciente – o que permaneceria tratável com o antigo jogo conceitual- quanto em um nível inconsciente. Há, portanto, uma dupla pulsação ego-superego, uma dupla problemática de oscilação e da pulsação de sua relação específica, dupla problemática que faz entrar a história das modalidades de interiorização das respostas dos objetos fundamentais com as quais o sujeito teve que se construir: introjeção ou incorporação, identificações simbólicas, identificações narcísicas ou identificação ao agressor.

Portanto, por vezes, o ego e o superego parecerão colados um ao outro, não funcionalmente diferenciáveis, e por vezes, ao inverso, eles entrarão em conflito. De início, o superego pode ser portador do equivalente de uma verdadeira exigência pulsional saída dos outros: a pulsão pode interpelar a subjetividade, seja diretamente, seja pela mediação do superego; ele mergulha suas raízes no Id, sublinha Freud!

Da mesma maneira, veremos Freud declarar em “Mal estar na civilização” que é preciso rebaixar as pretensões do superego, o que aponta um outro tipo de trabalho psicanalítico. É que Freud tinha formulado desde 1923 que o superego mergulha suas raízes no Id. Eis aqui uma nova tarefa para o psicanalista: analisar o superego e isto a partir da história e da pré-história de sua constituição, isto é, a partir das identificações que o constituíram e que o alienaram também, de sua relação com o Id primário.

O Ego serve a três mestres, é preciso analisar a maneira pela qual ele administra essa tripla servidão, esse triplo constrangimento, mas é preciso, também, analisar as características intrínsecas dos mestres, eles mesmos. Inevitavelmente, o inconsciente do superego abrirá a questão do inconsciente dos objetos que contribuíram à sua formação, ainda mais a questão da história do jogo intrapsíquico de sua formação. A análise do “contra-édipo” parental deve poder se dialetizar com a análise dos movimentos edipianos do sujeito.

Certamente, pode-se imaginar que o analista aproveitará os momentos de colagem ego/superego para abrir a questão daquilo que o superego sutura em memória das suturas dos objetos, mas seria bem surpreendente que esse trabalho pudesse efetuar-se sem que os objetos históricos fossem postos em causa no trabalho interpretativo. Isto abre toda uma série de questões sobre o problema da realidade histórica dos objetos e das modificações a posteriori desta. Mais tarde, deveremos voltar a esta delicada questão, isto é, sobre o problema do “terceiro mestre” a que o ego deve “servir”, a realidade e a maneira pela qual esta pode ser concretamente interpretada ou integrada no decurso da cura.

Lembramos, de passagem, a fórmula de Freud segundo a qual o “superego mergulha suas raízes no Id”. Uma tal formulação abre toda uma série de questões e de interrogações técnicas. Quando ele evoca essa particularidade, incontestavelmente, Freud tem na cabeça o problema da transmissão transgeracional tal como ele descreve especialmente em “Visão de conjunto sobre as neuroses de transferência”, e isto em congruência com a idéia de uma necessária recapitulação ontogenética da filogênese. O Mito da horda primitiva e o conjunto das considerações necessárias a sua plena inteligibilidade, implicam com efeito que uma parte das identificações constitutivas da formação do superego mergulhe suas raízes na pré-história da humanidade e seja assim transmitida de geração em geração. Ora, a posição “tópica” de tais traços filogenéticos só pode ser localizada no Id (Freud 1923-1938). A história das gerações anteriores se comporta como um constrangimento, como equivalente de uma exigência de integração, que o ego do sujeito teve que procurar inscrever em sua própria história, mesmo em detrimento eventual do interesse de seu ego.

O outro sentido que se destaca da análise das relações que unem ou separam o Id e o Superego diz respeito à questão classicamente formulada em torno do problema da sexualização dos vínculos com o superego. Ela tem relação com a problemática transgeracional que acabamos de evocar mas ela não é suscetível de ser sobreposta a ela

integralmente. De uma maneira mais geral, ela diz respeito à questão de saber como a pulsão bate à porta do Ego para se fazer admitir, em seu nome próprio e como tal: um imperativo do superego lhe é então oponível, ou em nome de uma exigência superegoica e como efeito de um constrangimento ao qual não pode se subtrair. Ela traz então todas as características de uma zona traumática, introduz uma confusão intrapsíquica que traz a história da maneira pela qual o sujeito teve que se alienar à pulsão do outro, de seus objetos.

A partir daí, diante da constatação da ativação de um conteúdo inconsciente e confrontado à questão de sua inscrição pré-consciente, o psicanalista deverá interrogar-se sobre o fato de saber de onde provém o que se apresenta como uma reivindicação pulsional. Primeira questão, essa reivindicação pulsional vem do ego, dessa parte do ego inconsciente para si mesmo ou vem do Id e está na pendência de subjetivação primária tanto quanto de apropriação secundária? Segunda questão, vem ela do ego por introjeção pulsional direta ou sob o efeito dos constrangimentos superegoicos, de certas formas de identificação?

O psicanalista de 1913 não abria tais questões, o que vinha do interior era, por princípio atribuído à subjetividade sem outra forma de processo, o interior tinha a simplicidade das formas primeiras do Eu-pele, a liberdade de escolher era um “*donne*” (não há tradução literal dessa palavra para o português. Ela quer dizer a ação de distribuir as cartas no jogo) fundamental. O analista de depois de 1923 terá que “abrir o saco” (*ouvrir le sac*) do ego para considerar a maneira como ele é compartimentado e construir a história de como ali chegaram as coisas psíquicas que nele se encontram, a história dos constrangimentos que presidiram a sua interiorização: a liberdade do sujeito é uma liberdade relativa às questões em jogo, por vezes vitais, que foram encontradas. E não se pode tratar as introjeções do Ego, frutos de seu trabalho elaborativo, da mesma maneira que seus fracassos ou que os traços das efracções que ele teve que sofrer sob constrangimento. Não se pode tratar aquilo que está em fracasso dos processos de subjetivação, como aquilo que, ao inverso, representa o fruto de seu trabalho de simbolização primária.

Anunciamos, precedentemente, que a relação ao “terceiro mestre” iria se tornar mais complexa e ser objeto ao mesmo tempo de um novo tipo de trabalho psíquico tanto quanto uma nova face do trabalho psicanalítico.

De um lado, a compulsão à repetição, ao introduzir um princípio “Além do princípio do prazer” que além das deformações introduzidas por ele, defende uma espécie de realidade psíquica diretamente religada à realidade histórica. Lá onde o princípio do prazer, primeira forma, introduzia o princípio de uma seleção a partir do prazer, a compulsão à repetição implica, ao contrário, a compulsão a repetir o que aconteceu, a despeito da possibilidade de encontrar aí um prazer, portanto sem seleção por princípio. Isto, seguramente, não quer dizer que o que aconteceu pertence à “realidade objetiva”, o narcisismo e seus imperativos próprios fazem a realidade sofrer deformações para que possa ser subjetivada, mas, ao menos, esse trabalho de subjetivação traz o traço daquilo com que o sujeito foi confrontado historicamente. “Construções na análise” testemunhará essa reavaliação das relações do sujeito com a realidade histórica concebida como realidade subjetiva do impacto das realidades externas e, em particular, aquela dos objetos primordiais.

Já sublinhei o quanto a questão da relação à realidade parecia essencial para compreender a natureza das mudanças na teoria e prática psicanalítica dos anos 1920-1938. O conceito de recusa (*déni*) da realidade tomará cada vez mais lugar no pensamento de Freud durante esses anos, a questão da “perda da realidade” nas diferentes organizações defensivas passará ela também ao centro das preocupações de Freud na medida em que a questão da perversão (masoquismo e depois fetichismo), e depois a da psicose ocuparão a cena de suas interrogações clínicas. O combate entre as defesas narcísicas e a tomada em conta da

realidade substituirá em grande parte, ao menos completará, o antigo conflito que opunha a censura à pulsão.

Para compreender bem as implicações técnicas que essa inclinação metapsicológica e clínica implica, é preciso, inicialmente, observar que a virada metapsicológica de 1920 implica, de fato, uma modificação das relações respectivas da percepção com o sistema consciência. J. Laplanche introduziu essa observação, mas, do meu ponto de vista, é indispensável dar-lhe o lugar fundamental que ela implica. A segunda metapsicologia deve ser levada a separar a percepção e a consciência e, portanto, desconstruir a existência de um sistema percepção/consciência. Teoricamente, depois de 1920, percepção e consciência devem ser topicamente situadas nos dois extremos do aparelho psíquico. Isso significa, concretamente, que antes de tornar-se consciente a percepção deve ser organizada e significada pelos diferentes sistemas psíquicos que ela deve “atravessar”. Dito de outra forma, ela deve ser investida e preorganizada pelo Id, depois significada pelo Ego inconsciente, antes de ser resignificada no seio do sistema pré-consciente para ser integrada na trama do Ego.

Isso significa, concretamente, que nós nunca estaremos diante de uma percepção “bruta”, mas sempre diante de uma percepção marcada por suas passagens sucessivas nos estratos tópicos que ela teve que atravessar antes de se fazer conhecer à subjetividade como percepção. De saída, a prova de realidade fundada sobre a percepção vê suas condições de funcionamento transformadas, a percepção não pode mais ter a viabilidade que lhe conferia ainda a primeira metapsicologia, é a organização significativa de sua trama que deve nos informar sobre seu percurso intrapsíquico. A percepção não é mais esse “*donne*” primeiro sobre o qual seria possível apoiar-se tranqüilamente para opor a “realidade” aos movimentos pulsionais ou às tentativas de elaboração egoica. Ou, de preferência, esse apoio deve ser dialetizado e relativizado pela tomada em conta das particularidades dos sistemas significantes do aparelho psíquico. Em particular, a percepção deverá ser medida com a medida eventual dos (boursuflures)acréscimos alucinatórios que a travessia pelo Id lhe conferiu, e, além disso, das inflexões significantes que o campo representativo inconsciente e pré-consciente induziram.

Da mesma maneira que aquilo que vem de “dentro” deve, depois de 1920, ser examinado, com circunspecção para ser “topicamente” determinado, da mesma maneira o que vem de “fora” ou que parece vir de fora do psiquismo, aquilo que é, portanto acrescentado de um “índice de percepção” deverá ser examinado em detalhe e eventualmente analisado em função dos traços de seu percurso intrapsíquico. Será necessário ter outros índices de realidade para fundar um outro tipo de prova da realidade que aquela que é simplesmente apoiada sobre a percepção. A distinção, proposta em passant, por Freud em 1916, entre uma prova de realidade e uma prova de “atualidade” vai então adquirir todo o seu significado no trabalho psicanalítico e tornar-se um componente essencial da cura: passando então a temporalidade e historicidade ao primeiro plano da interrogação clínica. Em 1991, experimentei mostrar como a prova da realidade devia, a partir daí, apoiar-se, de preferência, sobre a elaboração da destrutividade (“o objeto nasce na raiva”, a exterioridade deve ser destruída/encontrada) e as formas de negatividade que ela mobiliza. Isto nos leva a nosso ponto seguinte que concerne à questão da metabolização pulsional no processo da cura.

Nossa última observação, portanto, no que concerne ao “canteiro técnico” em vias de reconstrução em seguida à restauração da segunda metapsicologia, terá levado à questão da dinâmica pulsional. A introdução de uma compulsão à repetição ou de um automatismo de repetição desloca o jogo do princípio do prazer: repete-se o que aconteceu, qualquer que seja o quantum de prazer que se pôde encontrar na experiência inicial. Em seguida e, em seguida, somente, a questão de colocar em operação o princípio do prazer/desprazer se põe, ela se põe portanto em um tempo segundo e comanda a questão de saber se a experiência assim

repetida vai ser religada ao sujeito (em nome do princípio do prazer) ou se ela vai, ao contrário, ser desligada da subjetividade e ser evacuada (em nome do princípio do desprazer).

O problema assim colocado é portanto aquele do destino das experiências psíquicas assim evacuadas da subjetividade (aquilo que a clínica moderna teorizará em termos de identificação projetiva), é o processo que Freud buscou teorizar em termos de “Eu-prazer purificado”. Freud não dá formalmente um modelo para pensar o tratamento ulterior do que está ainda com a inscrição suspensa no seio do psiquismo e, portanto evacuada em nome do princípio do desprazer. Entretanto, nas metáforas biológicas que ele propõe no curso de sua argumentação, ele perfila, notadamente a partir da metáfora dos protistas lutando com os “dejetos” de seu próprio funcionamento, uma certa representação do trajeto da metabolização destes restos não integráveis. A idéia proposta por Freud é aquela de uma intervenção externa – na história dos protistas, trata-se de um operador externo – isto quer dizer, em termos concretos, que a metabolização abre a questão do papel dos objetos do ambiente, e em particular de seu papel defletor. Em outros termos, o destino das experiências evacuadas do psiquismo introduz a questão das “respostas” dos objetos históricos aos movimentos evacuadores e “destrutivos” do sujeito. É atribuído então ao objeto o apoio da externalização das experiências traumáticas (é a função deflexiva já evocada) mas também o apoio, em seguida, da transformação do que é evacuado para inscreve-lo no seio do princípio do prazer; esta é uma função que poderíamos dizer reflexiva do objeto, ela não pode se dar sem que o objeto dê provas da criatividade necessária para a transformação do “mau” da experiência primeira em “ bom para simbolizar” da resposta do objeto.

Reencontrada na transferência no processo de cura, uma tal problemática não pode mais se acomodar com a posição de relativa passividade do analista implicada pela teoria da cura da “primeira metapsicologia”. A nova teoria da metabolização pulsional, a introdução de um tempo “externo” e trazido pelo objeto, modifica as coordenadas do trabalho psicanalítico abrindo a questão da retomada desse tempo externo na cura. Introduce-se assim inevitavelmente a questão da sedução pela análise, a questão da influência no seio da cura. O sonho de complacência já tinha sublinhado que seria possível sonhar para o narcisismo do outro, mas o analista poderia esperar que uma vigilância aumentada permitiria ultrapassar sem muita dificuldade esse risco e essa ameaça de sedução pela análise; a ameaça trazida pelas implicações da inevitabilidade da atividade do analista não pode ser contornada por um efeito de vigilância, **ela se torna intrínseca ao trabalho psicanalítico.** (o grifo é meu)

A partir daí não é muito surpreendente ver Freud nos anos 1923/24 retomar o tema da sugestão, o da telepatia, até mesmo o da influência ou ainda aquele da possessão (cf. “Uma neurose demoníaca”), a questão volta a tornar-se atual, mesmo se em Freud ela toma a forma de uma sedução involuntária e inevitável. S Ferenczi vai aventurar-se muito mais sobre as vias da atividade do analista. Se houve extravios técnicos com Ferenczi, ele tentou aproximar-se de questões incontornáveis nos dias de hoje. Acrescento de passagem, porque desenvolver esse ponto nos levaria muito longe e fora de nosso propósito atual, que o resultado dessas questões passará pelo fato de reconhecer e de assumir a parte inelutável de sedução ou de influência na análise, para colocar sobretudo o problema de saber como a sedução deve ser organizada para que se possa esperar escapar dela ou ao menos que ela não tenha caráter alienante; mas sabemos como essa questão é e permanece difícil.

Meus desenvolvimentos precedentes me levaram ainda a colocar em evidência uma série de novos espaços de trabalho no seio da cura. O deslocamento tópico implicado pela virada de 1920 “abre” novos campos de trabalho interpretativo e modifica as representações-meta (répresentations-buts)_da análise na medida onde ele modifica nossa representação da “lógica” do funcionamento psíquico.

Colocar em análise o superego visa a “rebaixar” suas pretensões (Freud,1929), sua origem e seu modo de construção devem também ser interrogados, seus aspectos alienantes desconstruídos.

A relação à realidade não é mais um dado primeiro, a percepção possui ela também uma história intersubjetiva, tanto quanto intrapsíquica. A maneira pela qual a percepção é significada passa ao primeiro plano, não é mais um “em si” perceptivo, não há mais que percepções “para si”. Assim por exemplo – mas não é anódino – a confrontação com a diferença dos sexos e em particular com o sexo feminino não poderá mais ser considerada como um dado eventualmente traumático, sem que seja interrogado aquilo que se transfere sobre ele da história anterior da relação aos personagens femininos.

Globalmente, o trabalho psicanalítico sofre uma inflexão geral do lado da assunção do processo de apropriação subjetiva e de suas condições de possibilidades, a dupla clivado/retorno do clivado assume então toda sua importância; em sua dialética com a dupla recalque/retorno do recalado, ela encarna a problemática de ponta das dificuldades de subjetivação. A “desconstrução” do tipo de hiato intrapsíquico que ela impõe, e inversamente o trabalho de construção que sua análise mobiliza, passarão, pouco a pouco, ao centro da compreensão do processo analítico, e da estratégia do conjunto da cura.

Potencialmente a partir de 1920, mas mais ainda a partir do efeito retardado das mutações teóricas dessa época, portanto de 1937/38, a questão da ligação primária tornar-se-á o centro organizador do trabalho psicanalítico, ela comanda então o aspecto essencial deste: a integração psíquica. Esta que só pode efetuar-se a partir de um processo de simbolização deverá substituir os modos históricos de ligação que o sujeito, na urgência, prematuração ou desamparo, teve que colocar em ação: o para-excitação protetor ou a mobilização de contra-investimentos, a ligação pela via da coexcitação masoquista-narcísica, a sutura fetichista, os “empréstimos” identificatórios (Freud,1923). Tantas “soluções” adotadas para fazer face à ameaça de efração traumática de uma excitação não ligável pelo trabalho de representação primária.

O psicanalista deve então integrar nas representações daquilo que deve ser incluído no processo psicanalítico, o trabalho de desconstrução das defesas “narcísicas” historicamente convocadas para fazer face às situações traumáticas. Os últimos parágrafos de “Construções na análise” sugerem uma inflexão nítida dos objetivos da cura. Esta se vê incumbida, em primeiro lugar, de reconstruir a zona de traumatismos primários, dialetizada à desconstrução das defesas narcísicas destinadas a mascarar as feridas produzidas pelo impacto destes traumatismos.

A análise das representações de desejo permanece certamente uma das tarefas fundamentais da interpretação do psicanalista, mas o que está em jogo nesta tarefa mudou. O que se trata de chamar a atenção diz respeito sobretudo à maneira pela qual o princípio do prazer/desprazer mascara as feridas traumáticas da história e tenta manter seu desconhecimento, sua recusa ou sua clivagem. A análise das representações de desejo é, portanto, a partir daí subordinada à tarefa fundamental do processo psicanalítico que é de reconstruir a realidade histórica ou pré-histórica sobre a qual ou contra a qual o sujeito se edificou (cf os últimos parágrafos de “Construções em análise”).

Como se pode constatar facilmente à luz dessas reflexões, é toda a concepção da cura que imperceptivelmente balançou em torno de seu centro a partir do momento onde o princípio do prazer/desprazer não é mais o princípio de fundamento da análise do funcionamento psíquico. A introdução da compulsão à repetição como princípio fundamental do funcionamento psíquico desloca um pouco toda a “lógica” do raciocínio clínico e, portanto, de uma só vez, toda a “lógica” da cura e do processo psicanalítico.

É uma espécie de revolução “imóvel” que se produz na concepção do trabalho psicanalítico. Aparentemente nada mudou, o princípio do prazer se opõe ao princípio da realidade em uma conflitualidade estruturada por essa dualidade inicial. Simplesmente não é mais do mesmo prazer nem da mesma realidade que se trata. Os conceitos mudaram implicitamente de significado ao mesmo tempo que a lógica de conjunto do funcionamento psíquico se reorientava. O prazer, agora em causa, é aquele de um narcisismo que procura subtrair-se às exigências do trabalho psíquico impostas por sua história, e as realidades intersubjetivas com as quais ele teve que se construir, que acreditou que ele poderia se contentar com a modalidade de ligação concluída apressadamente, realizada não importava como, na urgência da necessidade de fazer face às situações traumáticas. Prazer e satisfação são separados. O princípio de realidade de que se trata é aquele da evocação da insuficiência de tais “soluções” históricas, aquele da evocação da necessidade de respeitar as “leis” de funcionamento do psiquismo, da realidade psíquica. O princípio do prazer se organiza em função da nova definição do prazer que inclui a questão da ligação intrapsíquica (Eros, diz Freud, deseja construir conjuntos cada vez mais vastos), o princípio da realidade evoca quanto a ele todo o peso da realidade histórica e dos traços que ela deixou no seio do psiquismo que o tempo, por si só, não foi capaz de fazer desaparecer: a realidade é aquela da história e do constrangimento que ela exerce sobre o presente, na medida que ela não recebeu um status simbólico conveniente.

Em 1895, “sofre-se de reminiscências e cura-se lembrando”, a partir de 1937/38, sofre-se ainda de reminiscências, cura-se ainda lembrando ou reconstruindo a história mas descobre-se também, que se sofre, através da história, do inapropriado desta, do inapropriável desta: cura-se então simbolizando ou resimbolizando aquilo que ela guardava em si. Mas para simbolizar e subjetivar o inapropriado da história é preciso repetir, recolocar no presente aquilo que não pôde ter lugar psíquico em seu próprio tempo, lembrar-se, é então, colocar em presença do Ego, para integrar e significar aquilo que não pôde receber historicamente o status psíquico satisfatório.

Roussillon René (2001), *Le plaisir et la répétition*, Paris, Dunod

Tradução livre para efeito de estudo: Rosa Albé

Transformações do corpo

Enviado por Flavio Thamsten
18-Mai-2007

A cidade de Porto Alegre foi mobilizada neste mês de maio com a realização do XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise. Foram centenas de psicanalistas de várias regiões do País debatendo questões técnicas, clínicas e de alcance geral à sociedade. Selecionei a apresentação proferida pela Dra. Tânia Feital, membro efetivo da Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro, não só pela qualidade do trabalho, mas também por abordar um tema que convive no dia-a-dia de todos nós.

Este trabalho, apresentado aqui na íntegra, por autorização da autora, trata acerca dos movimentos que vão sendo assumidos na sociedade de consumo e que remetem ao fechamento das relações, empobrecendo a criatividade proporcionada pelo jogo das relações pessoais e perpetuando aquilo que denominamos por cultura do vazio.

O ser humano passou, assim, a sofrer a perda do sentido, aprisionado no excesso de significantes que se deslocam numa verdadeira chuva meteórica. O homem-máquina que, desde os anos 60, vem ocupando o imaginário social e nos lançando em verdadeiras armadilhas – aí estão os grupos artificiais formando-se em diferentes partes do mundo como os terroristas da Al-Qaeda, o exército da libertação de Bush, etc. - para que os senhores das guerras possam se ocupar.

Flavio Thamsten

Utilização e Transformações do Corpo na atualidade

Tânia Feital

- E o que você me conta de novo sobre seu corpo?

- Nada! Não quero mais desse corpo que não presta, que se estraga, que fica doente, que atrapalha meu pensamento e dificulta a minha própria razão... Não sou mais um corpo! Cogito, ergo sum: Sou um puro espírito, um ser inteligente. Adeus corpo!

Rilke

Abordagem clínica do vazio na utilização e transformações do corpo na atualidade “Há muito tempo o homem produziu para si um ideal da onipotência e da onisciência, e encarnava-o em seus deuses.....Agora que se aproximou consideravelmente deste ideal, ele próprio se tornou praticamente um deus. Só que na verdade, da maneira como os humanos sabem geralmente atingir seus ideais de perfeição, isto é, incompletamente, em certos pontos, absolutamente não os atingiu, em outros, só pela metade. Por assim dizer, o homem se tornou uma espécie de deus profético, deus decerto admirável quando reveste seus órgãos auxiliares, mas estes não cresceram como ele e muitas vezes o cansam bastante”. (Freud: Mal estar na Civilização).

A subjetividade se constrói na intersubjetividade. Esse é o legado de Freud. Em 1923, em “O Ego e o Id”, Freud se refere à servidão do Eu às outras instâncias. É nosso desafio desenvolver teoricamente a servidão ao mundo exterior, à cultura. Tanto a formação do superego quanto o processo de identificação revelam que o objeto externo, representante da cultura, é estruturante. Surge um novo paradoxo, a escola de relações objetais de Melanie Klein , acusada de negligenciar a função do objeto externo real. Bion (1962), com o conceito de reveriê , coloca em destaque a função materna e paterna. A significação é obra da função materna, que se revela ao interpretar a criatura humana marcada pelo célebre desamparo freudiano . Esse conceito revela a impotência do lactante que, não podendo saciar a exigência de satisfação da pulsão, conclama ao objeto, o outro.

Quando o objeto falha, no segundo tempo, surge o sentimento de desvalimento, falta de socorro. O pré – consciente, sede da representação de palavra que inclui a representação da coisa, coagula tanto ao apelo quanto à obra do psiquismo do outro. É a interpretação materna que gesta a representação de palavra. Winnicott surge para ressaltar a importância do objeto externo real. Para Lacan, que parte do estruturalismo de Saussure, a cultura ganha, na teoria psicanalítica, estatuto epistemológico, assim como a linguagem. O outro é responsável pela alienação do desejo humano. Na reformulação da situação edípica, a criança é o falo da mãe na relação dual, imaginária, especular, simbiótica, narcísica. O nome do pai, portador da lei, separa a necessária simbiose inicial, O pai é o outro da mãe na triangulação edípica. A criança nasce numa cultura. No berço mental dos progenitores, metaforicamente vibra a cultura, os mitos familiares e institucionais, os valores, os ideais, as histórias transgeracionais, as missões a cumprir, os projetos identificatórios, as proibições que, com a violência da interpretação, esculpem o ser. A cultura que estrutura o sujeito, e é o co-responsável pelas novas patologias, desafia a Psicanálise para que, permanecendo o método, seja mudada a técnica de enfrentá-las.

A cultura do vazio

Colocando um corpo moderno em perspectiva, num discurso científico contemporâneo, o corpo é tomado como simples suporte da pessoa, algo que pode e deve ser aprimorado, uma matéria prima na qual se dilui a identidade pessoal. O corpo passa a ser um acessório, para não naufragar num sistema cada vez mais ativo e exigente, as pessoas entregam-se a uma manipulação de si a base de próteses. A tecnociência vem socorrer esse corpo que deve ser reparado, rearranjado, assistência médica à procriação, exames terríveis que acompanham a existência pré-natal, enfim, instaura-se a suspeita do corpo e a medicina fazendo a triagem, torna-se um bio-poder.

Enquanto alguns biólogos sonham em livrar a mulher da gestação, a sexualidade cibernética realiza o imaginário do desaparecimento do corpo e até do outro.

Assim, para alguns, o corpo não está mais à altura das capacidades exigidas na era da informação, convém moldá-lo, forjando um corpo biônico no qual seria enxertado um chip que contivesse a alma.

Em Blade Runner, um replicante (um andróide feito para trabalhar nas minas) à procura do seu criador.

A ficção científica sempre esteve muito interessada nas conseqüências que as novas tecnologias poderiam ter sobre o corpo; do cinema à literatura, muitos foram os romancistas que entenderam que, no "futuro", o homem iria querer mudar sua condição corporal e que a noção de corpo se constitui como uma grande musa da imaginação futurista.

Nos filmes de Blade Runner a Matrix, o uso do corpo humano como um material biológico disponível coloca sempre em cena personagens cuja evidência "humana" é rompida surgindo o medo. Em Matrix, a carne é considerada como uma doença, a condição corporal vista como epidemia e os corpos humanos são fabricados e controlados industrialmente pelos próprios robôs, que invertem os papéis e demonstraram a superioridade dos materiais eletrônicos sobre as matérias vivas, da eternidade sobre a morte.

Esse poder de "dar a vida", que têm os robôs no filme, parece muito com os poderes que querem adquirir os geneticistas e os engenheiros da Inteligência Artificial do final do século XX. As criaturas moldadas por Moreau na sua ilha de experimentação genética eram híbridas (A Ilha do Dr. Moreau, de H.G. Wells).

Hoje, a clonagem de animais (e a ciência de reprodução do "idêntico" ultrapassa tecnologicamente a das misturas) já foi realizada várias vezes (o primeiro caso foi de uma ovelha e do seu clone Dolly).

Através da literatura de ficção científica contemporânea que coloca em evidência a velocidade das transformações nas representações e nos usos sociais e medicinais do corpo humano.

Tradicionalmente inspirada pelas últimas descobertas científicas e as suas possíveis perspectivas futuras, a ficção científica de hoje está sendo, paradoxalmente, cada vez mais "realista".

A aceleração das descobertas nas biociências e os avanços tecnológicos produzem um "efeito de real" que ultrapassa muitas vezes o próprio desafio "futurístico" da ficção científica: descrever um futuro radicalmente diferente do presente, uma ficção do tempo no mundo.

A Ilha do Dr. Moreau

As tentativas do indivíduo, nas nossas sociedades ocidentais, de dominar seu corpo, suas emoções, seu eu corporal, como ouvimos nos nossos consultórios relatos que passam por

um profundo desprezo do corpo. A desconfiança com o corpo concerne a sua aparência, sua exterioridade e visibilidade. Assim que o corpo chega, a sociedade toma conta dele, o corpo é concebido e vivido como se fosse um objeto inacabado, incompleto, um puro rascunho da identidade pessoal. Em busca de um corpo ideal os indivíduos procuram incorporar as normas de uma nova estética corporal.

Muitas pessoas procuram mudar seu corpo através de uma hipermaquiagem para transformar a imagem e assim, sua vida social. Nessas práticas de modificação da aparência, o corpo é vivido como um parceiro e não se apresenta mais como dado, dando início a processos psicológicos e sociais, mas como produto desses processos. Nessa linha de pensamento, eu posso citar e analisar também as marcas corporais (tatuagens, piercing...) como marcas de uma mudança radical em relação ao corpo. No vasto campo do body art, eu pensei nos trabalhos do Musafar, líder dos "Primitivos modernos" que experimenta no seu próprio corpo várias modificações corporais inspiradas pelas culturas primitivas. Considerando também o transsexualismo como uma marca corporal, pois "a marca corporal traduz a necessidade de completar, por iniciativa pessoal, um corpo que não chega a incorporar/encarnar a identidade pessoal " .

Nessas práticas de individualização, que levam a uma recriação de si, o corpo se torna uma extensão da identidade, como se fosse a parte visível do "ego". Eu associei essas práticas de "correção" do corpo com a medicalização da vida cotidiana e com a produção farmacológica.

Por um lado, o corpo visível é reconstruído, por outro, as emoções e sensações são controladas através do uso cotidiano dos psicotrópicos. Do dentro ao fora, do visível ao sensível, essa desconfiança com o corpo leva os indivíduos a usar pílulas e medicamentos para tudo: para acordar, para dormir, para estar em forma, para combater o estresse, a apatia, para engordar, para emagrecer, para bronzear...

O corpo humano virou um continente explorado pelos cientistas em busca de benefícios. No tempo dos anatomistas, os pesquisadores somente procuravam nomear cada fragmento do corpo, hoje eles tomam posse dele para melhor gerenciar os seus usos econômicos potenciais.

A colonização não é mais espacial, ela investe na corporeidade humana. Através de uma leitura crítica dos avanços em genética humana e reprodução artificial, pretendo mostrar em quais pontos o homem procura dominar a sua incorporação ao mundo: a fecundação in vitro, os controles de " fabricação ", os testes do embrião, a idéia de uma infanticida na medicina, a utopia de uma gravidez masculina, estes são os signos de uma forma de eugenismo pós-moderno.

O Projeto Genoma que tenta cartografar a estrutura do DNA humano, considerando que o nosso destino é inscrito nos nossos genes, e as experiências com a clonagem que aparecem como uma tentativa de avaliar as razões genéticas das coisas "humanas": de explicar tudo pelo genético.

Assim, hoje, certos cientistas americanos, pensam "seriamente" que a violência pode ser de origem genética, como seriam também o homossexualismo, o alcoolismo... E isso, "do

mesmo jeito que, na época da escravidão, teriam descoberto a existência de um gene do escravo !"

As questões de Bioética, levantadas por essas novas ciências, aparecem aqui como novas perturbações introduzidas na configuração do corpo e na configuração do mundo.

Da mesma forma, "o virtual marca o começo de um novo paradigma da relação do homem com o mundo" . Ciberespaço, cibersexualidade, inteligência artificial, mito do Andróide sensível e inteligente...

O Cibersexo

O corpo da realidade virtual aparece desencarnado e a carne vira uma pura ficção. O ciberespaço parece poder livrar finalmente o homem da "escravidão do corpo" . A noção de "carne-no-mundo" " e toda a fenomenologia do corpo não tocam mais ninguém, a relação com o mundo está sendo radicalmente transformada numa troca de informações, na qual os homens sonham ser "eletrônicos".

O vazio mental

O conceito de vazio mental vai nos permitir abordar as variadas formas em que este vazio pode aparecer na clínica nas patologias narcisistas: neo-sexualidades, drogadição, enclaves autísticos, bulimia, anorexia, doenças psicossomáticas, perversões. Cada quadro na sua especificidade, revela a tentativa de preencher este vazio que cada vez mais se gera e se aprofunda quando faltam experiências reais, genuínas e autênticas.

O vazio mental é uma grave alteração estrutural da mente. Um continente que não pode albergar conteúdos, uma alteração da relação continente-conteúdo.

Os pacientes com vazio mental passam da angústia (Freud 1926) ao "terror sem nome". Para Bion , a angústia e o pânico podem ser experimentados pelo ser humano antes da vivência extra-uterina.

A frustração é o ponto de partida que exige trabalho de elaboração do aparelho psíquico. A frustração é a não realização da pré concepção, é a espera, a expectativa de encontro com o objeto do desejo. A privação é a falta do necessário a vida, para vir a ser. É falta daquilo que nunca se teve.

A ruptura precoce da necessária simbiose funcional primária, no início da relação mãe-bebê-pai, provoca um terror sem nome. Vida afora, a compulsão à repetição (Freud) procura, com desespero, um renascimento psíquico, a relação simbiótica outrora impossível. As defesas simbióticas erguem-se para anular a dor psíquica pela inexistência do bom objeto e do bom encontro. O objeto desejado esperado, o objeto da pré-concepção é substituído. Não há possibilidade de realização de um trabalho do luto, há uma substituição alucinada, um preenchimento.

A solução para o desamparo não são os investimentos do objeto presente, nem os recursos auto-eróticos do corpo como substitutos do vazio. A única saída verdadeira é restaurar a capacidade do psiquismo para figurar, para investir na representação do objeto. Há regiões sincréticas da mente que apelam para a fusão e efetuam vínculos simbióticos indiscriminados, vida afora, na tentativa de compensar o terror e paralisar o tempo. A presença de um vínculo simbiótico é testemunho de situações para preencher este buraco existencial com o corpo dos parceiros sensuais indiscriminados, longe de serem parceiros sexuais. A simbiose secundária é uma defesa ante o vazio e o terror, ele perpetua os vínculos eternamente sincréticos.

Para Bion, o vazio mental se entende através da identificação projetiva massiva. Quando a paciente tenta pensar, produz-se um esvaziamento mental ao expulsar os elementos BETA, que não geram sentido. Com estes elementos evacuados, vão junto à emoção a ser eliminada, o registro desta emoção, funções mentais e, portanto, a capacidade para pensar.

A eliminação progressiva destes elementos gera o empobrecimento mental e, com estes pacientes, somos testemunhas na relação transferencial. A violência da identificação projetiva massiva pode evacuar seus componentes num espaço exterior, criando o objeto bizarro no lugar da ausência, objeto que não é gerador nem de vida, nem de sentido. O objeto bizarro condensa as qualidades originais do objeto e lhe soma múltiplas funções provenientes da parte psicótica da personalidade. Ocupa o lugar que deveria ocupar a ausência com pensamento.

O sujeito buraco faz referência a um objeto que, na transferência, vive-se como inexistente e que gera os buracos de ansiedade. É um objeto sem representação, um buraco na fantasia.

Na situação clínica posso citar um paciente meu em que os pais são inexistentes não ausentes.

Esse paciente usa mecanismos defensivos mais primitivos, negação, onipotência e cisão. Nascer do nada é ser nada. Ele não sai do computador. Apenas vem às sessões duas vezes por semana. Conhece computador mas não se conhece. Sua sexualidade é infantil e faz sexo virtualmente.

Atualmente esta usando psicotrópicos; criou e ainda cria historia psiquiátrica estudando sobre elas no Dr. Google. Assim consegue ser. Deixou de ser nada.

DOUTOR

É um desafio contemporâneo. A clínica da Psicanálise hoje exige, com esses pacientes, que se crie a mente ao invés de se analisar os conteúdos.

Além da atenção interessada, da disponibilidade e da observação, o analista não só interpreta e constrói uma história através das hipóteses imaginativas, mas também interrompe repetições, cria a metáfora, nomeia a linguagem pré-verbal, oferece suas funções mentais, sonha para que o paciente acorde para a vida psíquica.